

TRIGUEIRINHO

O Novo
Começo do Mundo

O relacionamento
do homem
com o dinheiro
e bens materiais
está prestes
a mudar
profundamente

Pensamento

6ª edição
revisada
pelo autor

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

**O Novo
COMEÇO DO MUNDO**

Livros de Trigueirinho

1987

- NOSSA VIDA NOS SONHOS
- A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA

1988

- DO IRREAL AO REAL
- HORA DE CRESCER INTERIORMENTE
– *O Mito de Hércules Hoje*
- A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA
- CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR

1989

- ERKS — *Mundo Interno*
- MIZ TLI TLAN — *Um Mundo que Desperta*
- AURORA — *Essência Cósmica Curadora*
- SINAIS DE CONTATO
- O NOVO COMEÇO DO MUNDO
- A QUINTA RAÇA
- PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE
- NOVOS SINAIS DE CONTATO
- OS JARDINEIROS DO ESPAÇO

1990

- A BUSCA DA SÍNTESE
- A NAVE DE NOÉ
- TEMPO DE RETIRO E TEMPO DE VIGÍLIA

1991

- PORTAS DO COSMOS
- ENCONTRO INTERNO (*A Consciência-Nave*)
- A HORA DO RESGATE
- O LIVRO DOS SINAIS
- MIRNA JAD — *Santuário Interior*
- AS CHAVES DE OURO

1992

- DAS LUTAS À PAZ
- A MORADA DOS ELÍSIOS (1992-1995)
- HORA DE CURAR (*A Existência Oculta*)
- O RESSURGIMENTO DE FÁTIMA (*Lis*)
- HISTÓRIA ESCRITA NOS ESPELHOS
– *Princípios de Comunicação Cósmica*
- PASSOS ATUAIS
- VIAGEM POR MUNDOS SUTIS
- SEGREDOS DESVELADOS (*Iberah e Anu Tea*)
- A CRIAÇÃO (*Nos Caminhos da Energia*)
- O MISTÉRIO DA CRUZ NA ATUAL TRANSIÇÃO PLANETÁRIA
- O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA

1993

- AOS QUE DESPERTAM
- PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS
- A FORMAÇÃO DE CURADORES
- PROFECIAS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM
- A VOZ DE AMHAJ
- O VISITANTE – *O Caminho para Anu Tea*
- A CURA DA HUMANIDADE

- OS NÚMEROS E A VIDA – *Uma nova compreensão da simbologia oculta nos números*
- NISKALKAT – *Uma mensagem para os tempos de emergência*
- ENCONTROS COM A PAZ
- NOVOS ORÁCULOS
- UM NOVO IMPULSO ASTROLÓGICO

1994

- BASES DO MUNDO ARDENTE
– *Indicações para contato com os mundos supralísicos*
- CONTATOS COM UM MONASTÉRIO INTRATERRENO
- OS OCEANOS TÊM OUVIDOS
- A TRAJETÓRIA DO FOGO
- GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

1995

- A LUZ DENTRO DE TI

1996

- PORTAL PARA UM REINO
- ALÉM DO CARMA

1997

- NÃO ESTAMOS SÓS
- VENTOS DO ESPÍRITO
- O ENCONTRO DO TEMPLO
- A PAZ EXISTE

1998

- CAMINHO SEM SOMBRAS
- MENSAGENS PARA UMA VIDA DE HARMONIA

1999

- TOQUE DIVINO
- AROMAS DO ESPAÇO
- NOVA VIDA BATE À PORTA
- MAIS LUZ NO HORIZONTE
- O CAMPANÁRIO CÓSMICO
- NADA NOS FALTA
- SAGRADOS MISTÉRIOS
- ILHAS DE SALVAÇÃO

2003

- UM CHAMADO ESPECIAL
(*publicado originalmente em inglês com o título CALLING HUMANITY*)

2004

- ÉS VIAJANTE CÓSMICO
- IMPULSOS

2006

- TRABALHO ESPIRITUAL COM A MENTE

2009

- SINAIS DE BLAVATSKY
– Um inusitado encontro nos dias de hoje

Publicados pela EDITORA PENSAMENTO, São Paulo/SP, Brasil.
Toda a obra de Trigueirinho está editada também em espanhol pela EDITORIAL KIER, Buenos Aires, Argentina. Alguns livros do autor estão sendo editados em inglês pela ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil, e em francês pela LES ÉDITIONS VESICA PISCIS, Granada, Espanha.

TRIGUEIRINHO

O Novo
COMEÇO DO MUNDO



Copyright © 1989 José Trigueirinho Netto
Copyright © 1989 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas
da língua portuguesa.

6ª edição 2016
revisada pelo autor

*Os recursos gerados pelos direitos autorais de todos os livros de
Trigueirinho são revertidos na manutenção de centros espirituais.*

Capa: Ana Regina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trigueirinho Netto, José

O novo começo do mundo / Trigueirinho. – 6. ed. –
São Paulo: Pensamento, 2016.

ISBN 978-85-315-1957-4

1. Ciências ocultas. I. Título.

CDD: 133

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências Ocultas 133

Direitos reservados
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@grupopensamento.com.br
<http://www.editorapensamento.com.br>
Foi feito o depósito legal.

“O CÉU E A TERRA PASSARÃO”

Mateus 24, 35

*“NADA PERMANECE:
TUDO ESTÁ SUJEITO À MUDANÇA”*

Paul Brunton

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Em transformação. | 9 |
| Um jogo de forças. | 15 |
| No mundo dos macacos. | 19 |
| Saúde, governo e dinheiro | 23 |
| Um engano a ser dissolvido. | 31 |
| No subconsciente do planeta Terra | 43 |
| Uma civilização construída sobre areia. | 59 |
| A nova Visão. | 67 |
| O ponto de prova. | 73 |
| O novo código | 83 |
| <i>Apêndice: O touro da ilha sagrada</i> | <i>89</i> |

EM TRANSFORMAÇÃO

Os universos estão continuamente se transformando e, com eles, até mesmo os que alcançaram evolução mais sutil. Dentro deste universo, o planeta Terra tem agora uma oportunidade sem igual, juntamente com todos os seres que vivem sob sua aura; é como se o movimento de integração universal tivesse emitido um chamado, e os homens que responderam a ele estivessem passando por uma rápida transformação.

As energias cósmicas que trazem a mudança apresentam-se também como novos genes, provenientes de diferentes pontos deste ou de outros universos. Até então, o homem vinha funcionando com base em genes antigos, que salientavam a hereditariedade física e psicológica e, com isso, vinha sendo pressionado pelo acúmulo de suas próprias expectativas ou das de seus antepassados, mesmo as negativas (expectativas essas arquivadas durante milhões de anos).

Características hereditárias tais como altura, cor de pele, fisionomia, presença ou ausência de defeitos físicos,

assim como alguns traços psicológicos, vêm sendo transmitidos de pai para filho através dos cromossomos, e é justamente isso que está mudando agora. Sob o novo código, o GNA, os cromossomos estão fora de jogo e, portanto, cai toda a estrutura antiga da lei cármica material e humana (isso para os que estão recebendo o novo código), e muda o plano da Lei Evolutiva.

O código genético DNA implicava uma linhagem de antepassados referente a tempos muito remotos num estado de torpor, sonolência e escuridão dentro do indivíduo. Experiências têm mostrado que, através de um "túnel" localizado na área cardíaca, o homem ficava ligado a esses antepassados de milhões de anos atrás, como se fosse todos eles ao mesmo tempo.

Sob a regência do DNA, só pode ocorrer uma transformação profunda no ser, quando há uma conjuntura favorável aliada à intenção do homem de alinhar-se com propósitos superiores, o que não é comum. Essa situação genética repercutiu profundamente na atitude do homem perante a vida em geral; e deformou a sua visão a respeito das funções da energia, principalmente da energia monetária e do seu uso.

Se fôssemos escrever um texto levando em conta somente tal situação, correríamos o risco de publicar algo ultrapassado, dado que atualmente parte da humanidade está sendo colocada em um novo código genético. Ao nos referirmos a ela, portanto, não podemos

mais ter como base só os princípios tradicionais, mas outros, dos novos tempos.

Além dessa premissa, devemos também apresentar a experiência de um Instrutor espiritual da humanidade, que certa vez entrou em meditação no intento de conhecer o problema do dinheiro existente neste planeta. Por essa descrição vê-se que esse problema não é tão simples, e que tem raízes profundas.

Interiorizando-se, o Instrutor conseguiu descer até o subconsciente da Terra. Ali, em um ponto a que ele chamou de "gruta subterrânea", encontrou a fonte do poder do dinheiro. Ao se aproximar da "gruta", uma grande serpente negra impediu-lhe a entrada, dizendo-lhe: "Daqui você não pode passar". Entrar na gruta significaria conhecer o que estava por trás do problema do dinheiro e, no entanto, isso não era permitido. O Instrutor, sempre em estado de interiorização, perguntou à serpente por que não podia entrar, qual era o impedimento a isso. Ela respondeu-lhe simplesmente que "eles" não o permitiam a ninguém. O Instrutor quis saber logo quem eram "eles", responsáveis pela proibição. A serpente revelou, então, que se tratava de poderes obscuros do plano mental terrestre, poderes que controlam o dinheiro e a sua circulação. E acrescentou que se deixasse alguém passar, transgredindo a ordem, "eles" a matariam.

Em pesquisas interiores sucessivas, esse mesmo Instrutor foi descobrindo, aos poucos, que seria

necessário que as forças sexuais, vigentes na humanidade, estivessem sob controle, para que a energia monetária pudesse circular corretamente na face da Terra. Segundo o que pôde captar, as forças sexuais sob controle produzem imunidade a desejos materiais, emocionais e mentais, o que é imprescindível ao homem durante sua convivência com a energia monetária. Apesar de se manifestar ora sob a forma de sexo, ora de dinheiro, a energia é a mesma; portanto, o controle de uma dessas formas da energia reflete-se no controle da outra.

Com isso, o Instrutor percebeu que não poderia haver solução do problema do dinheiro na Terra sem que, antes, a humanidade tivesse domínio sobre as suas forças sexuais. A esse propósito e a título de ilustração, estamos transcrevendo, no final deste livro, um capítulo do livro *HORA DE CRESCER INTERIORMENTE (O Mito de Hércules Hoje)** onde, através dos mitos, estudamos o assunto do sexo como parte da energia fundamental do homem.

Os poderes obscuros do campo mental, a serpente negra e todas as imagens que surgiram na experiência mística daquele Instrutor espiritual representavam, na verdade, essas energias fora do seu devido lugar. O controle da energia sexual poderia libertar a humanidade da escravidão do dinheiro, mas não houve, até hoje, compreensão desse fato.

* Editora Pensamento, São Paulo, 1988.

Os genes cósmicos que estão sendo agora introduzidos no homem da superfície da Terra vêm de mundos imateriais. Ora, isso significa que, num próximo futuro, quando o homem não estiver mais sob o comando do atual código DNA, mas, sim, do GNA, a consciência humana não estará mais focalizada só em áreas da matéria que, ainda hoje, lhe despertam grande interesse, como, por exemplo, sexo no plano físico.

Todavia, até chegarmos lá, o que terá acontecido com o dinheiro em si?

UM JOGO DE FORÇAS

No código genético DNA todo ser em evolução pode permanecer, por determinados períodos, num estado nebuloso. Na superfície da Terra, esse tem sido o estado normal do homem; daí as guerras, a miséria nos vários níveis da existência e a má distribuição de bens serem uma constante em sua vida. Se observarmos as aves, veremos que compartilham os grãos com que se alimentam, bem como a água que bebem, pois a natureza assim o previu. O homem, entretanto, cobra até mesmo a água que fornece ao semelhante, ainda que os frutos da criação estejam, em princípio, disponíveis para todos os seres. Assim, no reino humano há quem se sinta dono do que pertence a todos. Por quê? Porque esse reino tem seguido leis terrenas criadas pela sua própria mente e não as leis cósmicas, de alcance maior.

O reino humano tem falhado perante a Lei do Amor. De que outro modo poderia ser considerado o ato de manipular genes e células em um laboratório, sem o conhecimento das energias superiores que os criaram? A má distribuição dos bens, o mau uso da energia e essa

atividade ilícita de gerar seres sem a participação dos níveis espirituais que os regem, são algumas das falhas responsáveis pelas tribulações a que hoje assistimos, e de tantas que ainda ocorrerão num futuro próximo. A existência de terras e águas irreversivelmente contaminadas, de instrumentos bélicos e de armas químicas e bacteriológicas armazenados, leva à necessidade de o planeta ser evacuado de seus habitantes, para que possa, em seguida, ser rearmonizado por forças cósmicas positivas.*

Para tal rearmonização, deve-se contar com a transformação e, talvez, com o desaparecimento dos sistemas financeiros atuais. Até hoje, o dinheiro, representante de bens que deveriam circular, foi usado e conduzido por forças involutivas. Tanto assim que passou, aparentemente, a ter valor em si mesmo. Os homens comuns deixaram-se condicionar por ele e hoje são seus servos, vivendo e trabalhando quase que exclusivamente para obtê-lo, como se o dinheiro tivesse realmente algum significado intrínseco. Tal inversão de valores é o resultado de um jogo entre as forças evolutivas e as involutivas, jogo este que, desde o começo do mundo, sempre existiu. As forças involutivas mantiveram o dinheiro sob o seu controle, arrastando, assim, a maioria dos seres humanos à presente situação, em que sequer percebem o nível de ilusão em que se debatem.

Este livro procura apresentar o tema do dinheiro como energia, sob vários aspectos, prevendo a

* Vide A QUINTA RAÇA, deste mesmo autor, Editora Pensamento, São Paulo, 1989.

possibilidade de ele vir a desaparecer. Esse assunto, tão antigo e atual ao mesmo tempo, poderá ajudar a muitos a reformularem métodos de vida. Esta abordagem prepara o leitor para as mudanças que estão para ocorrer no planeta, transformações essas que independem das decisões e escolhas individuais ou grupais, a esta altura dos acontecimentos universais.

Sim, a superfície da Terra caminha para uma reformulação de todos os seus valores, uma reformulação da sua forma física e até das leis que regem a sua vida. Será oportuno preparar-nos para nos desapegar do que é conhecido e óbvio em todos os setores desta civilização que fenece, para entrarmos em novos padrões e, portanto, em outros níveis de consciência.

Um ser evoluído, que vê o planeta Terra sob um prisma muito amplo, e dentro de um esquema inter-galático, afirmou-me que chegaríamos a ver o dinheiro ser manipulado como coisa sem valor; e até espalhado ao vento, pelas ruas, por homens semi enlouquecidos.

No momento da edição deste livro, alguns países já estarão em pleno caos econômico-financeiro; outros, poluídos em seu ambiente natural e psíquico, estarão procurando como resolver certos problemas vitais. Este livro, portanto, fala ao nível espiritual das pessoas - de onde fluem as ideias e soluções para os problemas humanos que a mente pensante e a tecnologia científica atuais não poderão resolver.

Esses problemas, como se sabe, são muitos.

NO MUNDO DOS MACACOS

Conta-se na Índia que, certa vez, os homens usaram de um truque para apanhar macacos. Colocaram dentro de um coco torrões de açúcar, depois de terem feito nele uma pequena abertura, suficiente apenas para conter uma mão vazia. Após agarrar os torrões, os macacos em vão tentavam retirá-los, pois o orifício não era suficientemente grande para deixar passar uma mão fechada, quanto mais uma mão com algo. Os macacos, movidos pela ambição e pela gula, ficavam ali presos, por sua própria escolha, uma vez que não decidiam soltar os torrões.

Eis aí uma situação semelhante à dos homens que por ignorância e inércia caíram na rede armada pelas forças da involução, preferindo continuar prisioneiros dos desejos e das posses. Grandes somas de dinheiro são às vezes aplicadas inutilmente, em coisas supérfluas, revelando que há homens com as mãos presas em cocos. Revelando, também, que a energia monetária está fora de lugar neste planeta.

Paul Brunton, um filósofo que manifestou consciência cósmica em sua passagem pela Terra, disse:

*Podem existir em outros planetas criaturas infinitamente mais inteligentes e mais afáveis que os seres humanos. Podemos não ser os únicos grãos de areia da praia da vida. Não obstante, a arrogância que coloca o homem (desta Terra) no ponto mais alto da escala da existência contém a ressonância obscurecida de uma grande verdade, pois o homem traz o divino dentro do peito.**

Independentemente da sua atual situação, o homem de superfície tem, em sua essência, conforme afirma Paul Brunton e segundo experienciam os místicos, a vibração necessária para entrar em contato com a energia Divina que lhe permite tocar a consciência cósmica. Por outro lado, sabe-se que esse homem hoje está sob as condições oferecidas pelo velho código genético DNA, que não condizem mais com a consciência que ele deverá manifestar num próximo futuro, consciência essa que já se esboça, dando sinais evidentes de sua presença.

O homem certamente retirará, com o tempo, a mão de dentro do coco e assim mudará suas preferências. Dificilmente ele será atraído por torrões de açúcar, quando perceber que diante de si encontram-se abertas as portas para o infinito.

* IDEIAS EM PERSPECTIVA, Editora Pensamento, São Paulo.

Os outros reinos que habitam este planeta, isto é, o mineral, o vegetal e o animal, que hoje convivem com o reino humano, também passarão, como ele, por uma purificação e poderão entrar em outros planos de existência, nesse cosmos infinito. Quando isso acontecer, a mensagem contida na história dos macacos e dos torrões de açúcar já terá sido apreendida, pois a ambição e a ignorância nada terão a ver com essa nova etapa evolutiva dos habitantes da Terra.

SAÚDE, GOVERNO E DINHEIRO

Sri Aurobindo, ser que considerava os assuntos de um ponto de vista cósmico, não limitado pelas leis tri-dimensionais da matéria física, declarou, certa vez, que não havia encontrado solução para três setores da vida da superfície do planeta Terra: o primeiro (que para ele permaneceria insolúvel até que tivesse início um novo ciclo do mundo) era o da saúde; o segundo, o do governo; e o terceiro, o da energia monetária, ou dinheiro. Conforme a sua visão, algo teria que ser transformado e esclarecido na consciência humana, antes que eles tivessem uma solução ou recebessem um tratamento de nível espiritual. Assim sendo, segundo Sri Aurobindo, eles continuariam a ser encarados no mesmo nível denso, ou seja, a proporcionar sofrimento e, no caso específico do dinheiro, até mesmo a provocar atos criminosos.

A saúde, conforme se sabe, depende do caminho que o indivíduo segue em suas sucessivas encarnações.

Enquanto ele usa o livre-arbítrio (um estado mental que a raça humana deverá transcender para, em seguida,

entrar em uma ordem superior de vida, harmonizada com a vontade universal), não é possível que tenha saúde, dado que opta por certas situações, movido pela aparência e não por um conhecimento mais profundo. Através do seu ponto de vista ainda mental, o homem confunde seus desejos com suas necessidades verdadeiras, dando margem, assim, para que o supérfluo predomine em sua vida terrena. Vivendo para o supérfluo, ele deixa de compreender o que se passa no interior das demais pessoas e dos eventos, desgastando-se em luta contínua, que, no seu decurso, não apenas o exaure, como também às reservas naturais do planeta. Somente quando passar a auscultar sua verdadeira necessidade, interna e espiritual e não superficial e material, o homem poderá ter saúde e seguir uma vontade suprema, de raízes assentadas no plano cósmico da consciência.

Através do livre-arbítrio, o indivíduo dá alimento e força aos seus desejos humanos e vitais, desejos que vêm de um nível de consciência limitado e que não correspondem às suas verdadeiras necessidades. No livro CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR* tivemos a oportunidade de desenvolver esse tema, que ainda se encontra mesclado com as forças involutivas, forças essas que continuarão a fazer parte da vida na Terra ainda por certo período.

Também o governo, enquanto não for movido por energias espirituais vindas do núcleo interno da

* Deste mesmo autor, editora Pensamento, São Paulo, 1989.

consciência cósmica do homem, não contará com uma liderança externa de nível superior, harmonizada com as leis universais. A política, que representa poderio econômico sem base no Conhecimento e Poder internos, nada manifesta de realmente evolutivo; ela constitui, apenas, um meio mais ou menos imposto de se obter uma falsa ordem e uma falsa harmonia entre os homens. Os governos existentes cuidam, na melhor das hipóteses, do progresso material, social, econômico e tecnológico da sociedade (às expensas de outros povos menos favorecidos em vários sentidos) e os consideram como desenvolvimento. Na verdade, porém, esse progresso é uma manifestação apenas parcial da lei evolutiva.

Há nessa lei aspectos superiores que, se não forem observados e vividos na prática, deixarão de proporcionar ao homem o seu verdadeiro alimento – que só na proporção de trinta por cento vem do nível material, enquanto setenta por cento vem dos níveis cósmicos, ou dos planos invisíveis e suprafísicos. Quando se buscar, em primeiro lugar, o desenvolvimento da consciência, o equilíbrio que advirá disso irá refletir-se nos níveis externos e materiais da vida. Conseqüentemente, a pressão que hoje os homens exercem uns sobre os outros desaparecerá.

Chegamos agora ao terceiro ponto até hoje insolúvel na vida da superfície da Terra: o dinheiro. Qual seria o caminho para harmonizar as forças que levaram o planeta ao caos atual? Se no universo existe tudo o que é necessário para todos, por que aqui há miséria? Como é

que se instaurou esse desequilíbrio, agora irreversível, a menos que algo global aconteça para solucioná-lo? Como se poderá evitar que o planeta venha a explodir sob as forças involutivas que o envolvem, dentre elas, os opressores sistemas econômicos vigentes?

Os ecologistas têm tentado, nos últimos anos, chamar a atenção geral para a necessidade de se salvarem certas espécies animais, de se preservarem florestas, de não se comprometer o solo, assim como a água, com adubos químicos venenosos. Além disso, eles têm buscado alertar as populações para a realidade dos buracos de ozônio, da chuva ácida, da ameaça nuclear, do perigo que advém do uso de pesticidas. O que se tem visto, no entanto, é que prevalece uma força maior que os movimentos altruístas que eles têm empreendido. Hoje, a cada minuto, hectares de florestas tropicais são destruídos, milhares de barris de óleo são consumidos, toneladas de dióxido de carbono são adicionadas à atmosfera. Essas cifras, é claro, se agigantam a cada dia que passa, porque a população cresce desorganizadamente e o consumo, decorrente de desejos relativos a um nível mais material da consciência humana, também aumenta.

A cada hora, centenas de hectares de terra produtiva vão se tornando desérticos e milhares de crianças morrem de desnutrição. A cada hora, encontram-se centenas de casos de câncer em um país do hemisfério norte e, a cada dia, milhares de toneladas de ácido sulfúrico

caem juntamente com a chuva, nesse mesmo hemisfério. Diariamente, toneladas de plástico são atiradas ao mar pelos homens, provocando a morte progressiva da fauna e da flora dos oceanos.

Esses dados, além de aproximados, crescem à medida que o tempo passa.

O dinheiro está diretamente envolvido nessa situação catastrófica, pois a maior parte do consumo dos recursos planetários é feita em nome do desejo humano, da busca do supérfluo, amparada pelo mau uso da energia monetária e estimulada pela própria engrenagem administrativa dos bens.

Conta uma antiga lenda que, em Górdio, cidade da Frígia, foi dado um nó na corda que apertava o jugo do timão do carro de Zeus; o indivíduo que fosse capaz de desatá-lo herdaria o reino. Desatar o nó górdio era como resolver a questão econômica atual: impossível. Quando o problema parecia insolúvel, alguém tomou de uma espada e cortou o nó de um só golpe, em vez de tentar deslindá-lo. Que espada poderia eliminar a situação precária na qual se encontra hoje a superfície da Terra?

Se existe uma MENTE ÚNICA e se esta pensa em tudo e em todos, o que acontece realmente aqui, quanto à distribuição e circulação da energia monetária? Como seremos incluídos na abundância do cosmos, conscientemente? Constituirá mesmo essa abundância uma questão de acúmulo de bens materiais, continuamente

extraídos da Terra? Quando começará o homem a pensar sobre esses pontos? Haverá realmente tempo para reflexões prolongadas? Não estaremos nós muito mais próximos de soluções drásticas, imponderáveis, do que podemos imaginar?

Se demarcarmos no mapa de várias nações as áreas onde existem armas nucleares armazenadas, as regiões nas quais experimentos mortíferos, subterrâneos, são realizados, os pontos em que reatores universitários e militares estão localizados, bem como as regiões visadas pelos projetos comerciais de utilização de energia nuclear altamente poluentes, as áreas reservadas para as indústrias nucleares e para o tratamento do urânio (mineral que possibilita a confecção de bombas e armas mortíferas) e, finalmente, os locais onde está estocado o lixo radioativo, cuja periculosidade é conhecida, pouco espaço sadio sobra, nesses países.

Ficam-nos aqui algumas perguntas: quantas nações da superfície da Terra estarão nessa situação? Qual será a verdadeira proporção da ameaça que se encontra, neste momento, sobre a humanidade terrestre que vive em corpo físico e que se encontra ainda polarizada nos níveis tridimensionais da existência, os planos físico-etérico, emocional e mental?

A revista inglesa *Index on Censorship* revelou que os temas ambientais estão entre os mais censurados ou entre os que recebem divulgação menos adequada.

Segundo levantamento feito nos Estados Unidos, quatro dos dez temas mais censurados referem-se a problemas ambientais que ameaçam a vida humana.

O Projeto Galileu da NASA (agência espacial norte-americana) prevê um ônibus espacial que levará ao espaço cerca de 23 quilos de plutônio radioativo. Esta carga é suficiente para eliminar a vida humana se for liberada uniformemente no planeta.

Segundo as mesmas revistas, o Departamento de Energia dos Estados Unidos pretende instalar usinas cujos alimentos para as populações serão processados com grandes quantidades de lixo radioativo. O *Jornal do Brasil* também publicou, ao transcrever as notícias acima, que milhares de pessoas morrem, por ano, nos Estados Unidos e Canadá, vítimas da chuva ácida.

Vivemos, realmente, um momento muito especial.

UM ENGANO A SER DISSOLVIDO

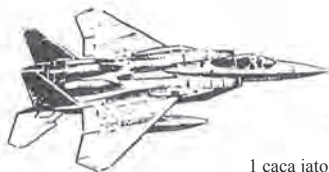
Na vida da superfície deste planeta implantou-se o uso incorreto do dinheiro e chegou-se ao ponto de crimes serem cometidos com plena aprovação das leis e até de doutrinas filosóficas e religiosas. Prolifera na Terra, cada vez mais, o número de seres famintos, sem que os alimentos existentes passem, por isso, a ser distribuídos corretamente. Ora, tal situação criminosa tornou-se aqui normalidade, após tantas lutas que duraram séculos, conforme testemunha a história da nossa economia.

Para ilustrar esse fato, reproduzimos, na página seguinte, os dados levantados por Jean Lemane, extraídos do *Development Forum*, das Nações Unidas, e publicados pelo "Correio da UNESCO" de dezembro de 1978.

Como consequência do mau uso da energia monetária, e dado que o não cumprimento das leis cósmicas causa desequilíbrio, chegou-se a esse estado moral e material da civilização. Mesmo que os sistemas financeiros "mais fortes" continuem aparentando vitalidade, sabe-se que todos eles estão minados, porque o



1 tanque (500.000 dólares) = Equipamento para 520 salas de aula (30 alunos por turma de escola primária)



1 caça jato (20 milhões de dólares) = 40.000 farmácias rurais



1 destróier (100 milhões de dólares) = Eletrificação de 13 cidades e 19 zonas com uma população de 9 milhões de habitantes



progresso de uma parte da humanidade jamais pode ser baseado na degradação de outras que pertençam à mesma civilização planetária.

Menos da metade da atual população mundial sabe ler e escrever - o que significa que bilhões de indivíduos não estão informados, por vias oficiais, do que se passa a seu redor. Constatando-se, por exemplo, que, com o dinheiro gasto em um tanque de guerra, poderiam ser equipadas cerca de 520 salas de aula com 30 alunos por turma, percebe-se que um trabalho subterrâneo de forças involutivas está muito presente na Terra.

Na realidade, o que é chamado agora de "idade do capitalismo" está no fim, e as correntes que lhe são contrárias também estão doentes. Chegou-se a um impasse, e os homens mais lúcidos já sabem que a situação econômico-financeira do planeta não poderá ser solucionada dentro dos padrões normais vigentes. Sabe-se que é irrecuperável, entretanto, não se sabe que rumo tomar.

Quando se fala em dinheiro, está-se falando realmente numa energia ainda incompreendida pelo homem comum da superfície da Terra. Geralmente, ele o usa como um meio de adquirir o que deseja, de submeter outros indivíduos à sua vontade ou de fazê-los trabalhar para si próprio. Entre os homens mais bem formados, o dinheiro costuma ser usado para satisfazer as necessidades daqueles que lhes estão próximos, ou seja, como instrumento do amor pessoal. Contudo, mesmo nesses

casos, quase sempre o egoísmo é o ponto central, embora mesclado com amor humano. Raramente o dinheiro é usado para o bem universal, e o desejo ou o problema pessoal de um indivíduo é em geral posto à frente de necessidades maiores.

Como se vê, a grande maioria dos homens está longe de cumprir a Lei espiritual superior. Segundo essa Lei, quando o indivíduo começa a esquecer-se de si e a usar os próprios bens para suprir os que precisam mais, vê instaurar-se em sua vida a verdadeira abundância. Da doação do dízimo normal (que, segundo a lei dos homens, foi obrigatória na Idade Média e hoje é facultativa) à doação verdadeira e sem reservas, há todo um processo de desenvolvimento da consciência a ser amadurecido: da submissão às leis terrestres, a consciência passará a obedecer a leis cósmicas, superiores.

A maioria dos homens passa por momentos de fatura, alternados com períodos de maior limitação material – assim transcorrem suas encarnações. Aos que tentam, no entanto, entrar na abundância incondicional pode-se sugerir um pequeno roteiro para reflexão. Que perguntem a si próprios, em primeiro lugar, qual é o motivo que os move a usar o dinheiro ou um bem material: cumprir deveres, beneficiar entes queridos ou satisfazer os próprios desejos? Em qualquer desses casos, o motivo precisa ser transformado. Uma outra questão a ser colocada é se o que os motiva é uma causa particular ou um ideal grupal. Em qualquer caso, é preciso que a

energia do amor incondicional seja sempre dominante, em detrimento do amor apenas carnal, ou do amor pessoal e possessivo.

Feitas essas considerações, vemos a importância de desenvolver a habilidade de aplicar corretamente, na vida cotidiana, a energia do dinheiro ou dos bens terrenos. Embora a situação geral do dinheiro seja caótica, isso não exclui um comportamento correto diante dele, por parte do homem lúcido.

Para tanto, uma reflexão preliminar e um pensamento unificado, sem divisões, focalizando o bem grupal e a lei universal, seriam da maior importância; do contrário, serão perpetuados o caos e a má distribuição desses recursos.

Para compreendermos melhor o uso correto do dinheiro, tomemos o exemplo simbólico do sangue humano. O sangue flui por todas as partes do corpo, sem exceção. Ele desce, é usado pelo metabolismo, sobe ao cérebro, depois volta ao coração; circula em um ritmo adequado, mais ou menos acelerado, conforme o caso; dá, assim, vida às células de todas as regiões do corpo. Enquanto perfaz esse circuito, ele se renova; à medida que caminha, não é mais o mesmo: transforma-se continuamente. O processo de circulação da energia monetária na sociedade pode ser comparado a esse do sangue humano. Se o sangue se estancasse em um local, se não atingisse as células, o que sucederia? Assim como

nenhum ponto do corpo pode viver sem ele, nenhum indivíduo, na superfície do planeta, deveria ficar sem a energia material de que necessita.

Quando a energia monetária não flui corretamente é como se todo o sangue do planeta ficasse envenenado. Uma inteligência maior prepara-se para retirá-lo. Desde que o dinheiro foi criado pelo homem, congestionou-se em certos pontos do planeta; retido nas mãos de alguns indivíduos que não permitem sua circulação, a não ser sob certas condições, deixando, assim, gangrenar o resto. Nessa civilização caduca e decadente, trabalha-se e pensa-se em função do que é indicado numa cédula, cheque, letra de câmbio ou papel semelhante, esquecendo-se de que essa indicação é dada pelo próprio homem e não supre nenhuma necessidade real que ele possa ter. Pode o dinheiro comprar a paz? Pode comprar a saúde? Pode comprar o desenvolvimento da consciência? Pode comprar a alegria verdadeira, que vai além do sorriso externo?

E se o dinheiro não circula de modo correto, consequentemente, dá-se o mesmo com o trabalho, uma vez que este foi associado pelos homens à remuneração. O trabalho, energia necessária a todos, é criativo quando não contaminado por interesse puramente material. O fato de termos a possibilidade de alguém trabalhando para nós em troca de determinada cifra de dinheiro facilitou, por si só, a instalação da inércia em muitos indivíduos e, em outros, a submissão. Assim,

os homens foram se corrompendo, sendo que a maioria deles continua a fazer, por dinheiro, o que a própria consciência não aprova.

O dinheiro, em vez de cumprir sua tarefa de materializar o necessário à vida, passou, na verdade, a ser um estímulo para o acúmulo de cédulas, de créditos, de bens, de prestígio – ilusões que não correspondem a riqueza real alguma. A situação de impasse criada é hoje insolúvel no âmbito do pensamento comum e da razão. Na verdade, esse impasse surgiu do confronto que existe entre as forças obscuras e as evolutivas. As primeiras, retrógradas, tecem uma verdadeira rede de atrações para a humanidade manter-se submissa ao poder do dinheiro, integrando, assim, o movimento das correntes involutivas do universo. Para tanto, valem-se elas da luta que costuma separar os homens entre si.

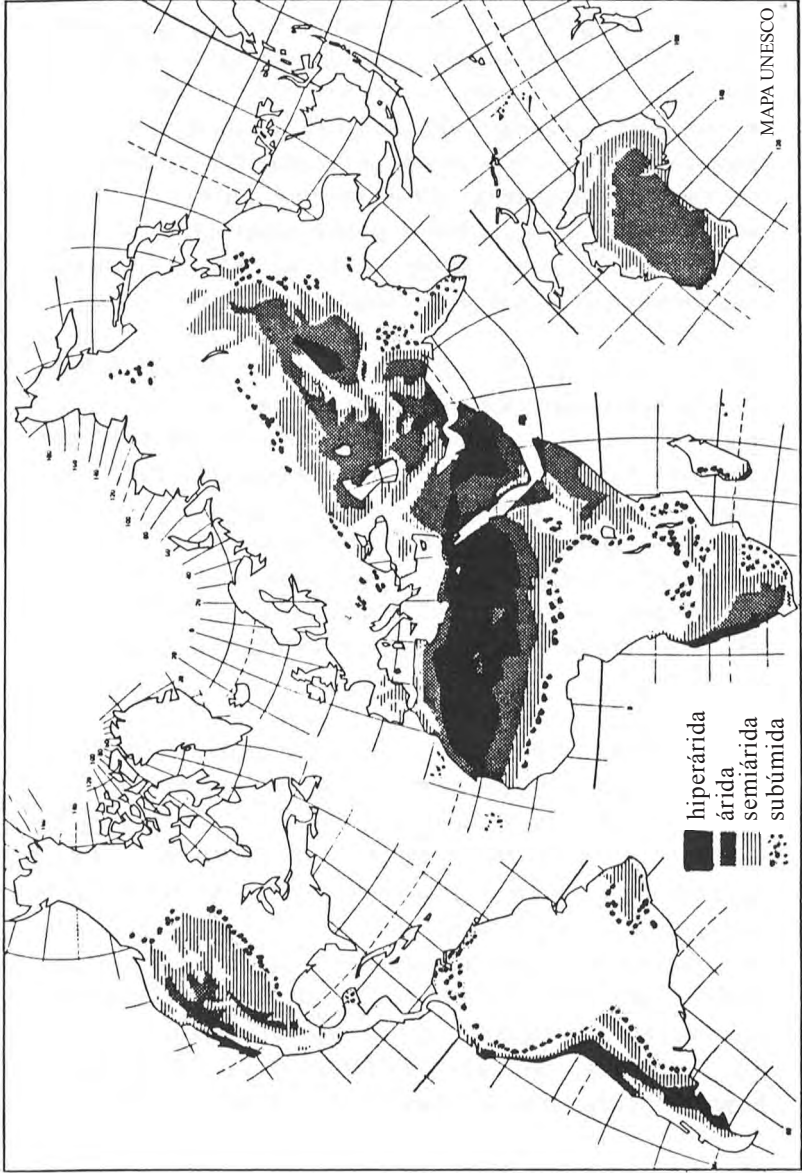
Forças involutivas sempre existiram e não são específicas deste ou daquele sistema econômico, passado ou presente. Sua verdadeira razão de ser (ainda que isso possa parecer incoerente a muitos) se deve ao fato de que elas servem de estímulo para as forças do progresso, a fim de que estas últimas possam dar o máximo de si e que, fazendo esforços supremos, levem a consciência mais rapidamente a alturas maiores. Desse modo, devido às limitações trazidas pelas forças retrógradas (que criam circunstâncias caóticas nas três dimensões nas quais o homem da superfície da Terra é mais consciente), as forças do progresso espiritual tendem a estimular-se ainda

mais. Podemos, assim, compreender o principal papel das forças retrógradas no jogo planetário geral.

É óbvio que o dinheiro, em si, prestou-se naturalmente a essa deturpação – ele foi dócil em a tornar-se instrumento da miséria, porque, na realidade, faz parte de uma espécie de "bola de neve" criada pelas forças involutivas. A solução para o impasse não se encontra, certamente, em nenhum sistema econômico-financeiro, ligado ou não à política, e muito menos em uma maior ativação da produção de bens. Produtividade em excesso significa desgaste inútil dos recursos naturais do planeta e é, conforme estamos testemunhando, um dos elementos que mais concorrem para a implantação do caos.

O mapa, representado na página seguinte, serve para ilustrar esses efeitos negativos do uso inadequado da energia monetária.

O que se vê nele é a indicação das regiões hiperáridas, áridas, semiáridas e subúmidas da superfície da Terra. Ora, tal situação deve-se, principalmente, à mentalidade voltada para o consumo. Sabe-se que as cidades poderiam despendar a terça parte da água que normalmente usam. Levando-se em conta as necessidades básicas das indústrias, da agricultura e da crescente população mundial, é sabido que hoje, no mundo, usa-se muito mais água *per capita* do que se usava por volta do ano 1900 e que esse consumo aumenta constantemente. Esses dados aqui apresentados foram retirados do "Correio da



hiperárida
árida
semiárida
subúmida

UNESCO" de abril de 1978, e são baseados em uma pesquisa de Valentin Korzun e Alexei Sokolov. Desde esse ano a situação evoluiu e, hoje, a água potável já está desaparecendo de alguns países e surgindo água salobra no interior de outros.

Além do estímulo ao consumo, as forças retrógradas impõem as condições segundo as quais a energia monetária deve circular. Com isso essa energia é, quase sempre, liberada com restrições, quando deveria fluir livremente, indo aonde é necessária. Quando se dá dinheiro apenas a quem oferece garantias materiais de devolução, reduz-se a sua capacidade de fluir com altruísmo e ele pode deixar de chegar às mãos daqueles que dele realmente necessitam.

O ponto crucial está no fato que se deu ao dinheiro um valor intrínseco, quando ele, na verdade, nada mais poderia ser do que mero símbolo de um bem material. O que vale para o homem necessitado é o bem, não o dinheiro. Entretanto, os bens assumem o valor monetário que lhes é atribuído artificialmente pelos movimentos emocionais e vitais, pelos conceitos mentais e pelas especulações, quando, na realidade, eles não têm, em si mesmos, esse valor arbitrário dado pelos homens.

Contudo, apesar de toda essa situação caótica, um novo código genético está sendo implantado em dez por cento da humanidade da superfície deste planeta, e é por isso que escrevemos este livro. Sob o novo código,

o homem estará despojado de agressividade e de carma material, podendo, assim, compreender que os bens são para todos, e não apenas para alguns, e que deverão ser usados em função do desenvolvimento do espírito e não da satisfação de desejos. Não fosse esse fato da transformação do homem, hoje iminente, não estaríamos colocando energia nesse assunto, e nem tampouco examinando-o a partir de um plano espiritual e material também.

Abriu-se para a transformação da espécie humana em si e não para a criação de novos sistemas financeiros, eis a questão. Essa transformação, embora esteja sendo implantada nos níveis subjetivos, encontra-se já à vista e movendo muitas consciências. Registra-se a sua ocorrência durante o sono dos indivíduos e também, em muitos casos, em sua própria vida consciente e física.

NO SUBCONSCIENTE DO PLANETA TERRA

As forças obscuras que controlam a circulação do dinheiro sobre a Terra fazem parte de um grande jogo cósmico e não cabe ao homem de superfície, alheio, por enquanto, às leis superiores, lidar diretamente com elas e com o seu processo atual. Há forças maiores, cósmicas, que se ocupam disso e que, por estarem em contato com o mal cósmico, resolvem-no em seu próprio plano. A superfície da Terra já está sob a regência da Lei da Purificação, através da qual a parte do mal cósmico aqui presente irá naturalmente transformar-se.

Até hoje, o homem da superfície da Terra teve livre-arbítrio e através dele pôde entrar em contato, à vontade, com as forças obscuras, chegando mesmo a identificar-se mais com elas do que com as outras, de natureza evolutiva. Com o tempo, o homem comum deixará de ser um canal dócil para as primeiras e entrará em um novo padrão energético. É para esse novo padrão que estamos sendo preparados, e não para restaurar qualquer sistema econômico ou financeiro, já que todos eles têm, em princípio, suas raízes fora da Lei Maior.

Na superfície do globo, desde o princípio, a vida humana esteve fora dessa grande lei. As consequências da "queda" do homem ainda não foram totalmente sanadas, mas sabe-se que a purificação tudo transformará para que surjam aqui, em seguida, novos padrões de comportamento.

A humanidade, na história da sua economia, demonstra claramente a necessidade dessa transformação. Ainda que no passado terrenos já tenham sido usados em comum pelos homens, o modo como isso era feito não era correto. Na Idade Média, por exemplo, a parte arável sempre foi dividida em dois setores: o do "senhor" e o dos "servos" que trabalhavam a terra. Estes, pelo que se sabe, cultivavam as áreas que arrendavam do senhor, e também aquelas que eram de "propriedade" dele. Desde que esse sistema foi implantado no planeta, os que trabalhavam a terra passaram a viver miseravelmente, porque precisavam tratar, de forma prioritária, daquilo que "pertencia" ao senhor.

Numa realidade mais profunda, sabe-se que quem proporcionou terrenos aos senhores foi o carma, lei de causa e efeito que age nos planos materiais da vida. Trata-se de uma lei perfeita, infalível. Assim, os débitos que o homem possa ter gerado, por algumas desarmonias em relação às leis superiores, são resgatados dentro do plano material através do carma. Todavia, essa lei, agindo nos planos densos e psíquicos, tem liberado do condicionamento material terrestre bem poucos homens. E isso se deve ao grau de inconsciência da maioria deles com

respeito a duas forças antagônicas à Lei da Evolução: a do desejo e a da ilusão de que o nível físico é a realidade única e mais importante para o indivíduo encarnado.

Eis um exemplo simples de como age a lei do carma nos planos materiais terrestres: se um indivíduo explora um semelhante em determinada encarnação, em uma próxima, provavelmente, será ele o explorado. Como isso se perpetua, e como o homem custa a perceber que a renúncia ao desejo é o único caminho direto para a libertação da ilusão, encarnação após encarnação, ele intercala fases de abundância com fases de miséria.

Eis agora o quadro geral da lei do carma material do homem que está sob o código genético DNA: ao agir, sentir e pensar, o homem estabelece relações de causa e efeito. Quando AGE no plano físico, ele cria ali valores materiais, gerando necessidade ou abundância, conforme a qualidade da ação realizada; quando SENTE, ele cria valores no plano das alegrias e dos desgostos, estabelecendo, assim, uma situação emocional positiva ou negativa, conforme a natureza de seus sentimentos; quando PENSA, ele cria valores no plano das idéias, o que acarreta inspirações, ideais elevados e, portanto, saúde mental, ou formas negativas de pensamento, apreciações críticas e desequilíbrio, conforme o caráter dos seus pensamentos.

Dentro desse jogo de forças, vivendo ao sabor das ações e reações, o homem em geral tem, ao final de cada

encarnação, uma avaliação do seu carma gerado positiva ou negativamente. Só o fato de o homem estar implicado, de maneira direta ou indireta na matança de milhões de animais por dia, faz com que o débito humano seja computado negativamente.

Deixando de viver segundo as leis superiores e universais e guiando-se pelas leis terrestres e materiais, o homem, como diz Paulo de Tarso, não faz o bem que quer, mas o mal que não quer (Romanos, 7-19).

Como se vê, com o DNA (código genético que inclui também a hereditariedade física e, até certo ponto, a psicológica) era quase impossível libertar-se da roda dos renascimentos do plano físico e dos laços com o mundo concreto. Por isso, até agora o homem despendeu centenas de encarnações na superfície da Terra, a maioria delas em atividades redundantes, em um círculo vicioso, sem poder incursionar, como aprendiz, por mundos ou planos de consciência superiores – como expusemos no livro *A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA*.*

Num regime escravocrata, que só é possível dentro da lei do carma, houve na Inglaterra feudal um barão que possuía cerca de 790 arrendamentos e, na Itália, um "senhor" que chegou a ter 10 mil feudos. No plano cármico humano, ondas de revolta massacraram, através dos tempos, milhões de seres humanos nas várias revoluções políticas e ideológicas que ocorreram na face da Terra,

* Editora Pensamento, São Paulo, 1988.

complicando ainda mais os laços desses espíritos cósmicos (que por aqui estão em trânsito) com este plano físico, já bem doente. Quando se sabe que, diante da Lei Superior ou Cósmica, os bens são de todos e não de alguns, pode-se antever que serão necessárias reações do Universo para dissolver o mecanismo vicioso que aqui se instalou.

A propósito dos fatos que fizeram parte da história da Terra desde os primórdios de que se tem notícia, devemos lembrar que este planeta foi povoado por seres transplantados de várias áreas do universo e que nem todos vieram de experiências positivas, nos reinos aos quais pertenciam, ANTES de se tornarem seres humanos. Além disso, as raças humanas que até hoje conviveram na Terra tiveram entre si, como se nota pelo seu comportamento, carma anterior a ser equilibrado, carma este que trouxeram para ser resolvido aqui. O que parece, no entanto, até agora, é que essas profundas diferenças não foram completamente saldadas.

O novo código genético, aplicado concomitantemente à purificação global da superfície do planeta, trará a solução para o problema da discórdia que ainda hoje persiste entre os povos e entre os homens. Os genes do novo código não determinarão traços de agressividade e nem características de reinos subumanos. De todos os povos e raças existentes hoje, emergirão indivíduos resgatáveis, nos quais ele será implantado. Sob a regência do GNA, haverá unidade mental entre os remanescentes da atual civilização, e com isso um

relacionamento verdadeiramente fraterno será instaurado aqui no plano físico.

Estamos vivendo, portanto, os últimos momentos de um antigo conflito universal, originado não propriamente na Terra, mas nos planos cósmicos. O planeta foi apenas palco desse processo.

Historicamente, sabe-se que, com o cultivo da terra, produzia-se tudo aquilo de que se necessitava, devendo o homem procurar fora de sua circunscrição apenas alguns poucos produtos. Todavia, quanto se subverteu o uso da energia monetária! Assim é que, por exemplo, na época medieval, a Igreja, que originariamente esteve encarregada de lembrar o povo da existência das Leis Cósmicas, foi a maior proprietária de terras.

O patrimônio material das instituições que deveriam representar os valores suprafísicos acabou sendo aumentado por diferentes motivos. Havia homens que se preocupavam com a vida que levavam, e tinham consciência de que estavam fora da lei superior. Para adquirirem o direito de passar para o lado do Bem, procuraram doar terras e propriedades à Igreja que, em troca, lhes garantia a salvação *post-mortem*. Outros ajudavam a instituição religiosa, crendo que ela prestaria um verdadeiro auxílio aos necessitados. Alguns "nobres" (nome dado aos grandes proprietários) adquiriram o hábito de doar à Igreja parte das terras que conquistavam de seus inimigos em chacinas históricas. Participando assim desse quadro conflitante, as instituições originalmente criadas para

fins sublimes foram tornando-se instrumento das forças involutivas, que passaram a controlar o dinheiro e sua circulação. Essas instituições, que deveriam valorizar a vida sobrenatural, tiveram, a certa altura, de defender o seu patrimônio, como é costume dentro das leis materiais adotadas pelos homens. Em 1167, certo bispo recebeu um grande feudo do rei da França, em troca da promessa de apoiá-lo em todas as suas causas. Esse juramento, feito para obter terras e bens, estendia-se aos bispos sucessores que, assim, herdavam esse compromisso. Nessa mesma época, os abades costumavam arrendar suas terras, passando a viver, como parasitas, do trabalho dos que as lavravam. Era impossível, então, em tal contexto, atingir certa perfeição no planeta Terra.

Quando um terreno era vendido, ou transferido para um novo proprietário, por alguma circunstância cármica, o servo que o cultivava permanecia ali, mudando apenas de "senhor". Considerava-se, na época, que isso dava "segurança" aos servos, pois desse modo eles não perdiam a garantia de ter o seu sustento através do trabalho. Já os escravos estavam em situação diferente, pois eram vendidos ou trocados, sem direito a terras, casa ou família.

Nessa situação, em que o controle era exercido por forças cósmicas obscuras que mantinham a Terra sob as suas rédeas, os senhores feudais acreditavam que as demais pessoas existiam para servi-los. Para eles, entre um trabalhador, um boi e uma propriedade, havia pouca diferença. Segundo a história, no século

XI um lavrador era vendido por 38 soldos, ao passo que um bom animal valia 100.

Em 1828 o Charleston Courier publicou um anúncio que foi transcrito por Leo Huberman em seu livro HISTÓRIA DA RIQUEZA DO HOMEM*. Esse anúncio oferecia uma família composta de mulher cozinheira de 35 anos e seus dois filhos, um com cerca de 14 e outro com 8, todos úteis para o trabalho. Dizia que podiam ser adquiridos juntos ou separados, conforme a necessidade do comprador.

Essa foi parte da situação planetária manejada pelas forças obscuras. Também hoje, homens são vendidos, só que de outra maneira. Há, por exemplo, quem contribua para indústrias bélicas através do próprio trabalho, considerando tal fato uma normalidade. O mesmo acontece com as indústrias que fabricam produtos que afetam a ecologia e a saúde física e mental dos homens e do planeta. A necessidade de equilíbrio cármico chegou, pois, a um ponto crítico nesta Terra.

Ressalte-se, contudo, que, em determinados feudos, principalmente no Oriente e em certos momentos da história antiga, sábios iluminados de grande evolução ocuparam posições decisivas. Mantinham eles, até certo ponto, essa situação sob controle. Quando havia um ser dessa categoria a serviço na engrenagem planetária, os homens podiam ser educados e instruídos de acordo com as leis

* Editora Guanabara, 1986.

cósmicas; entretanto, isso não era o mais comum no passado e muito menos o é hoje. Em nossos dias as lideranças estão em outras mãos, conforme estamos assistindo.

Referindo-nos uma vez mais à Idade Média, sabe-se que aqueles que trabalhavam a terra tinham de entregar ao senhor não só a décima parte da própria renda, como também dízimos da lã e de outros materiais úteis. Quem deduzisse despesas de trabalho antes de calcular o dízimo era condenado às penas do inferno pela Igreja da época. Essa instituição, tão comprometida com as forças involutivas, era a encarregada de dar ajuda espiritual ao homem que, com tantas limitações, não pôde ir muito longe na compreensão das leis cósmicas. Quanto à ajuda militar, esta era dada pelos proprietários de terras. A civilização era, pois, baseada na guerra e na exploração. Como se vê, toda a energia do trabalho estava controlada por parasitas – isso era permitido pela lei cármica, em seus níveis materiais, e ainda o é nos tempos atuais, já que ainda está em vigência para muitos.

O necessário, em matéria de bens, era encontrado, então, nos feudos. Havia uma produção destinada ao consumo próprio do feudo e cada aldeia era autossuficiente, nas bases acima descritas. Os trabalhadores produziam vestuário, alimentos, utensílios e móveis. Os donos dos feudos levavam para suas casas os melhores artesãos e, assim, provocavam um desnível considerável entre a qualidade dos bens de uma casa "senhoril" e de uma choça camponesa. Essa situação, como se sabe, perdura até

hoje, demonstrando que só forças evolutivas cósmicas muito potentes poderão transformar a Terra. Já naquela época forças involutivas dominavam a superfície do planeta, tendo como canal a própria humanidade.

Muito antes disso, houvera intercâmbio de mercadorias, apesar de cada pedaço de terra tencionar ser autosuficiente. Podiam-se trocar, por exemplo, comestíveis por vestuário, dependendo do que estivesse sobrando em um feudo e do que estivesse faltando em outro. Essas transações realizavam-se em mercados, mantidos pelos mosteiros ou pelos castelos, e davam-se sob o controle e sob o patrocínio dos bispos e dos proprietários das terras.

Todavia, nem sempre essas trocas eram práticas, pois eventualmente tornava-se necessário fazer grandes viagens para transportar algo que poderia até nem ser negociado. Moedas com pesos e medidas que variavam segundo seu lugar de origem já tinham sido cunhadas muito antes. Eram elas de ouro ou de prata, de modo que pudessem corresponder ao preço do que se estava oferecendo. Passaram, assim, a substituir a mercadoria, permitindo aos homens negociar mais comodamente.

Isso deu início ao comércio, que na Europa aumentou durante o século XI. Anos depois, continentes inteiros estavam completamente transformados, pois surgiu uma outra categoria de atividade: a dos intermediários, isto é, daqueles que nem produziam nem consumiam. Esses, segundo Disraeli, trapaceavam de um lado e

saqueavam de outro. A ideia atual de que a transação comercial é lícita tinha uma conotação bem distinta na civilização medieval, antes de forças obscuras começarem a agir mais abertamente ainda sobre a face da Terra.

Como parte desse domínio das forças involutivas (que sempre apresentaram o progresso material como justificativa para haver desigualdade entre os homens da superfície), surgiram os chamados trocadores de dinheiro. Em 1429, eles pagavam aluguel aos proprietários dos mercados para agirem ali. No final da Idade Média, na Europa, já se dedicavam abertamente a negócios em dinheiro, abrindo, assim, um largo campo de atividades (sob certos aspectos, improdutivas) no mundo. Diferentes espécies de moedas passaram a ser avaliadas, pesadas e trocadas. Surgiram, com isso, os empréstimos e as dívidas. Papéis passaram a circular rapidamente, e negociar o próprio dinheiro tornou-se uma profissão rendosa e respeitada.

Com o tempo, a utilização do dinheiro trouxe uma grande modificação na economia natural. Como dissemos, quando havia entre os homens simplesmente trocas, elas nem sempre eram realizadas com comodidade, por causa das dificuldades que o transporte das mercadorias acarretava. Com o advento do dinheiro, os negócios tornaram-se mais fáceis, dado que um montante unido a outro perfazia uma "soma", de cuja qualidade ninguém duvidava. "Dinheiro é dinheiro não há dúvida", dizia-se. Mas a partir daí o desejo se desenfreou e nada mais pôde contê-lo. A maior parte dos indivíduos passou a ter de

trabalhar para manter uma civilização baseada em atividades desnecessárias à vida.

Forças obscuras foram dirigindo cada vez mais essa atividade e não demorou que aparecessem os juros, quantia que era somada ao capital emprestado. Até certa altura da Idade Média, o empréstimo a juros era proibido, mesmo pela Igreja, que ameaçava o infrator com a pena do inferno.

Ainda na Idade Média, padrões tão rigorosos foram se modificando e a própria Igreja passou a defender que tinham direito a uma remuneração aqueles que exerciam um serviço que poderia ser considerado de utilidade pública, como, por exemplo, o de intermediário entre o que produzia, e o que consumia os bens. Assim, em nome do "serviço", esta prática estava oficializada e até abençoada pelas estruturas.

Em sua luta pela conquista do planeta Terra, as forças retrógradas introduziram-se em todos os organismos, em todas as instituições, ligando-as ao dinheiro. No princípio, a Igreja dizia que a quem empresta certo número de moedas deve ser devolvido o mesmo número. Receber mais seria "estar cobrando pelo tempo transcorrido", e o tempo é universal, não é de ninguém. Portanto, cobrar juros era considerado ilegal. Como o dinheiro em si não pode produzir nada, mas é apenas símbolo de uma mercadoria, cobrar juros é criar a partir de um fato fictício. Entretanto, a Igreja foi pouco a pouco mudando o

seu parecer, e passou a defender uma transação desse tipo, surgindo, então, a necessidade de instituir-se um "juiz". O próprio papa chegou, certa vez, a envolver-se em cobranças de juros, segundo registra Leo Huberman em seu já citado livro.

Com o tempo, predominou a "prática comercial diária" e a economia não teve mais freios. Hoje, em várias partes do mundo, os interessados chegam ao ponto de destruir colheitas para aumentar o valor de moedas, enquanto proliferam, cada vez mais, pessoas famintas. A velha história teve, assim, prosseguimento com crimes cada vez maiores e mais frequentes; nos dias de hoje, o melhor será não reconstruí-la.

Diferentemente da Idade Média (e mesmo antes dela), em que não havia comércio tão livre de terras e os proprietários eram poucos e muitos os servos, hoje em dia as terras podem ser compradas e vendidas mais livremente. Com isso, um maior número de pessoas fere a lei maior, de um ponto de vista cósmico. Ou seja, na qualidade de proprietário, o homem comum sente-se como um verdadeiro senhor feudal, só que em escala menor – o que aumenta o seu sentimento separatista de bairrismo, ou nacionalismo.

Nessa situação obscura, acumular dinheiro transformou-se em uma paixão e, com raras exceções, é o incentivo maior que move toda a atividade humana atualmente. Com isso, os valores reais e mais profundos dos povos

passaram para um segundo plano, e a essência espiritual, em cada indivíduo, tornou-se prisioneira.

A materialização de bens pode ser necessária à manifestação do Espírito sobre a Terra, mas sempre aconteceu em função de satisfazer desejos e caprichos, ou de aliviar o medo e a insegurança dos homens. Não estando polarizados nos níveis profundos da consciência, a maioria deles apega-se aos bens externos e materiais. Assim, levam séculos, ou às vezes milênios, para perceber que a paz e a segurança internas dependem, isso sim, de um alinhamento com a consciência superior no interior do próprio ser.

Quando se acumula dinheiro, quando há preocupação em retê-lo ou em multiplicá-lo, nega-se sua verdadeira função, que é a de ser aplicado ao que for necessário, circulando sempre.

Quando não se tem ambição por dinheiro, há uma liberdade maior para permitir que ele seja usado onde necessário. Esse é um princípio básico que nos deveria nortear ao escolhermos quem deve lidar com o dinheiro público ou de grupos. Os que estão livres desse tipo de ambição seriam os mais adequados dispensadores de bens, pois são ajudados e inspirados pelas energias positivas e evolutivas do universo. Enquanto não houver uma conscientização cada vez maior em relação a essa atitude no que diz respeito ao dinheiro, a humanidade poderá passar pela experiência de vê-lo desaparecer da superfície do planeta, e de retornar a um sistema de trocas. Há uma

profecia segundo a qual, ainda neste final de ciclo, veremos o dinheiro perder progressivamente o valor. Porém, somente quando houver falta de bens para comprar (o que está muito próximo) é que ele entrará no descrédito das pessoas que até hoje estiveram iludidas com o seu poder.

Muitas coisas graves e definitivas já estão acontecendo no campo financeiro e da miséria social humana.

Água potável, ar puro, paz interior e saúde, por exemplo, que estão rareando entre os homens comuns, não podem ser obtidos através do dinheiro. A união entre os indivíduos também não pode ser comprada mesmo que haja entre eles um interesse em comum em seus negócios.

Poderá parecer estranho afirmar-se, como acima, que os dispensadores de bens são ajudados e inspirados. É que as energias evolutivas, sendo inteligentes, usam até mesmo de situações negativas para dar ao homem a máxima oportunidade de desenvolvimento em consciência. Ainda que o dinheiro seja um dos principais instrumentos das forças involutivas na superfície da Terra, isso não exclui que um bom carma e as energias da evolução coloquem, no ambiente financeiro, indivíduos positivos que possam estar ali a serviço do progresso espiritual. Qualquer generalização, mesmo numa época como esta, em que se vive o final de um ciclo, é sempre extremada e inadequada quando se tem presente que a potência do Espírito Imortal em cada ser é infinita.

UMA CIVILIZAÇÃO CONSTRUÍDA SOBRE A AREIA

A partir do momento em que o homem passou a dar valor monetário aos objetos, ele mudou a maneira de encarar os bens materiais, vendo-os sempre em benefício próprio e não em benefício comum a todos, conforme seu destino original.

Suponhamos, por exemplo, que alguém esteja com dois relógios e que outro indivíduo necessite de um. Este último tem, por sua vez, duas folhas de papel disponíveis e o que tem dois relógios necessita de uma delas. Como poderiam esses dois indivíduos suprirem-se mutuamente? Dentro das leis universais, o que tem dois relógios passaria um deles ao que não tem nenhum, e o que está com duas folhas de papel cederia uma delas ao que precisa. Esta seria a "negociação" que propiciaria o fluir dos bens.

Qual seria a função do dinheiro em uma situação como essa? Se um dos indivíduos não tem condições de dar imediatamente ao outro o que é necessário, o dinheiro substitui, temporariamente, o bem material que ainda

está ausente. O dinheiro é, nesse caso, representante de um bem material, mas, em si, não tem qualquer outro valor, pois não poderá jamais substituir a utilidade de um relógio, ou de folhas de papel. Simboliza, na realidade, a possibilidade de os bens fluírem, mesmo não estando concretamente presentes.

No caso acima descrito, não há diferença de valor entre os bens. Tanto um quanto o outro são importantes. O que vale mais: um relógio ou uma folha de papel, quando ambos são igualmente necessários a homens diferentes? Quem lhes confere valores diferentes não é a Realidade em si, mas, sim, a mente humana.

No decorrer da história, o homem passou a dar valores arbitrários aos bens materiais. Através de um conjunto de especulações, esses valores foram aumentando, com base em fantasias e na própria necessidade de se manter a engrenagem comercial e de se conservarem os parasitas, como vimos. Assim, de acordo com determinações arbitrárias, um relógio passa a valer certo número de cédulas, ou de moedas, enquanto uma folha de papel passa a valer outra quantia. Quem os estipula? Tanto um relógio como uma folha de papel têm valor vital, essencial, no momento que deles necessitamos; o valor monetário é dado pela mente humana. Assim, temos toda uma civilização fundamentada em valores fictícios, que alimentam, desse modo, a concorrência.

Se a necessidade de uma folha de papel equivale à de um relógio, qual é, então, a diferença efetiva entre

os valores desses dois objetos? Por haver grande ilusão em torno desse assunto, chega-se a dar valor monetário até mesmo ao ouro, cuja função específica neste planeta estudaremos mais adiante.

Se o indivíduo que tem dois relógios deixa um deles no cofre, impedindo que esse bem material circule, alguém, enquanto isso, fica sem relógio. Pode acontecer que, permanecendo retido, um outro relógio seja produzido para servir a outra pessoa. Entra-se, desse modo, em um processo de desgaste das energias planetárias, pois vai-se fabricar um novo objeto inutilmente, usando-se, para isso, matéria-prima e trabalho humano. Este é o espírito da civilização moderna: dando valor monetário a tudo e a todos, ele fomenta a ambição pelos bens materiais e estimula uma produção maior e um consumo maior. Hoje, sabe-se que os recursos naturais da Terra são limitados e que ela não suporta mais esse desgaste. O exemplo que demos é para ser multiplicado ao infinito, se quisermos ter um quadro verdadeiro da atual situação planetária.

Outros fatos, como esse, servirão como pontos para refletirmos. Podemos, por exemplo, nessa mesma linha, examinar qualquer problema, qualquer assunto, como o dos indivíduos que mantêm imóveis inativos, fechados, enquanto há bilhões de pessoas sem teto. Qual será a repercussão mundial desse comportamento? De que modo a situação planetária é marcada por costumes como esse?

A vida sobre a Terra, que poderia significar para o homem uma oportunidade espiritual de crescimento, é na verdade, devido a tantas distorções, uma prova, uma limitação para o Espírito Cósmico. Esse é um aspecto que também deveríamos ter presente, ao estudarmos o assunto do uso da energia monetária, enquanto ela ainda estiver atuando na superfície do planeta.

Por trás das ilusões citadas, há ainda um engano maior: o valor monetário atribuído ao ouro, que, na realidade, é um metal nobre que corresponde ao sol e que tem uma função bem específica. O ouro brota nas camadas subterrâneas do planeta, assim como as plantas o fazem na superfície. Sua presença fornece certa porção de energia solar ao interior do planeta, dado que o sol não o atinge diretamente. Ele equilibra, assim, os componentes do solo. Brotando do interior da Terra, o ouro faz passar a força solar que lhe corresponde a todas as substâncias físicas do nosso mundo, bem como à Vida que aqui evolui. Como nas grandes montanhas há depósitos naturais desse metal, o homem pode ali usufruir de melhor saúde e de mais vigor do que nas planícies ou nos locais mais baixos.

Disse um instrutor espiritual que a energia contida no ouro é a força eletrônica radiante atuando numa oitava inferior com relação à que atua no sol. O ouro floresce, neste planeta, como força necessária à vida. Sua emanção natural é equilibradora, vitalizante e purificadora. Por isso, é comum, entre as civilizações evoluídas, os homens guardarem consigo pelo menos um pequeno

pedaço de ouro como algo de direito, tanto quanto o ar que respiram e a água que bebem.

Entretanto, o ouro não está sendo bem utilizado. Além de ser extraído do subsolo indiscriminadamente (o que não deveria acontecer, como se viu, dado que o interior da Terra necessita da vibração desse metal precioso), ele não é distribuído eqüitativamente, em proporções corretas. Em vez de ter um uso adequado, ele vem sendo aplicado como padrão de troca, ou servindo como ornamentação de ambientes ou de pessoas. Assim, esse metal, que teria uma função essencial a desempenhar no planeta, passou a ser um dos maiores instrumentos da ambição e vaidade humanas, das forças involutivas, portanto.

E como foi que o homem perdeu a noção do valor verdadeiro do ouro? Como isso aconteceu? Como vimos, segundo a história ocidental, já na Idade Média, o ouro e o dinheiro estavam corrompidos e a serviço das forças involutivas. Em civilizações bem anteriores a Cristo não havia dinheiro e o uso do ouro era praticamente restrito aos templos, que o tinham como elemento de irradiação de vibrações solares. Havia nos templos certo depósito desse metal ou objetos feitos com ele, não em função de acumular valores pecuniários, mas de beneficiar a todos. Quando, na antigüidade, um indivíduo entrava num templo, ele estava à procura de um ambiente onde pudesse purificar-se e alinhar-se com a transcendência (o homem de então

não tinha, ainda, a possibilidade de fazer isso sozinho, e necessitava de uma estrutura externa que o apoiasse e o guiasse). Ofertava-se, pois, na época, ouro aos templos, que eram locais de concentração desse metal nobre, para usufruto de todos.

Um templo era, então, uma escola para a vida superior. Nele habitavam pessoas que se dedicavam inteiramente aos serviços que ele podia proporcionar. Essas pessoas eram mantidas por outras que viviam fora do templo. Sendo providas do necessário, não trabalhavam para a própria subsistência e, portanto, não vendiam seus serviços e nem os do templo – que também era mantido. Com isso, elas davam assistência aos necessitados, sem exigir qualquer pagamento. Assim, quem vivia ali estava isento de trabalhos externos comuns e de outras tarefas, executadas pelos demais. O ouro ofertado não era usado para o sustento dos moradores, nem para a manutenção material do templo, mas, sim, como se disse, para a irradiação da vibração solar.

Pelo que relatamos da época medieval, vê-se que o sentido original da presença do ouro e o uso dos templos foi-se desvirtuando, à medida que as forças retrógradas passaram a assumir o controle sobre eles.

Como vimos, a certa altura, começaram a desenvolver-se atividades comerciais próximas ao templo, desempenhadas sob o patrocínio dos sacerdotes e dos proprietários de terras. Note-se, contudo, que essa tendência de a humanidade permitir que forças obscuras se

infiltrarem no sagrado pode ser notada desde a época de Jesus, o Cristo, que enxotou com chicote alguns vendilhões que exploravam, com seu comércio, nas imediações do templo.

Outro fato contribuiu para o progressivo desvirtuamento dos locais, objetos e atividades sagradas: em vez de se aproximarem de tudo isso para aperfeiçoar o próprio alinhamento com os níveis espirituais e suprafísicos, os homens passaram a fazê-lo com o propósito de solicitar favores. Pediam saúde, boas colheitas, chuva ou outros obséquios. Descobriram eles que podiam orar aos deuses para obter o que lhes conviesse, e, quando obtinham o que desejavam, presenteavam o templo e os sacerdotes com dádivas especiais. Se, porventura, uma dádiva fosse maior do que o favor recebido (como, por exemplo, um bezerro para pagar algumas gotas de chuva), e não pudesse ser dividida, os sacerdotes restituíam o excedente com um pedaço de ouro. Pode-se imaginar como a história continuou daí por diante.

Os templos tornaram-se pontos para mendicância, sendo distorcido, assim, o seu objetivo cósmico preliminar. Em torno de grandes catedrais, desenvolveram-se até mesmo atividades de caráter tipicamente social. Eis como a civilização da superfície da Terra foi perdendo o seu sentido religioso, e como os representantes dessa energia de ligação com os níveis superiores foram se desviando da sua própria função: nos locais consagrados à busca dos planos supranaturais, passou-se a cuidar de situações temporais. Quanto à energia monetária

hoje os "templos" têm, inclusive, tabelas de preços relativas aos seus "serviços".

No início, quando os Estados começaram a cunhar moedas, elas eram de ouro ou de prata. O uso desses metais já era, portanto, indevido e com uma função de comércio que nunca deveria ter recebido. Já os papéis-moeda impressos mais tarde tinham como respaldo o ouro armazenado nos tesouros, que lhes dava valor pecuniário além do mero valor do papel em si. Com a desmoralização atual dos padrões de valor, porém, não há mais ouro armazenado que corresponda ao papel-moeda em circulação; portanto, mesmo do ponto de vista prático, concreto, material, o dinheiro tornou-se uma ficção.

Uma antiga parábola conta que um homem "edificando uma casa, cavou um buraco profundo e pôs os alicerces sobre a rocha; vindo uma inundação, investiu a torrente contra aquela casa, mas não pôde movê-la, porque estava bem edificada". Refere-se a mesma parábola a um outro "que edificou sua casa sobre a terra sem fundamentos, contra a qual investiu a torrente fazendo-a cair logo, tendo sido grande a ruína daquela casa". (Lucas 6, 48-49).

Fica-nos, aqui, uma indagação: em que tipo de alicerces se firmou a presente civilização?

A NOVA VISÃO

Os homens estabeleceram três tipos de atividades fundamentais com o dinheiro, o ouro e os bens materiais: a primeira, de compra e venda, em que os bens materiais são trocados por dinheiro ou por ouro; a segunda, a do empréstimo de dinheiro, de ouro ou bens materiais a alguém que fica na obrigação de restituí-los; a terceira atividade é a de doação a outrem.

Essas três maneiras de se lidar com o dinheiro, com o ouro e com os bens materiais têm valores diferentes, do ponto de vista espiritual. Na primeira, os participantes só não criam vínculos entre si se a transação é do conteúdo de todos e se é por eles considerada justa. Na segunda, aquele que empresta fica ligado carmicamente com as atividades que o outro desenvolve para poder pagar a dívida. Os métodos usados para ganhar o que deve ser restituído entram na "conta" cármica de ambos; tanto de quem pediu, quanto de quem emprestou. Já a terceira maneira é a única que podemos dizer que está dentro da lei espiritual, se examinarmos o assunto bem

rigorosamente e sem compromissos com as forças involutivas, já no final de sua hegemonia na Terra. Se não houver apegos da parte do doador e se houver abertura de coração por parte do beneficiado, não são criados vínculos. A doação é, pois, a forma mais livre de se lidar com dinheiro ou com qualquer bem, desde que feita com atitude correta.

É possível, mesmo nas outras duas modalidades de relacionamento, a ausência de apegos ou de qualquer compromisso interior. Contudo, sempre há, sem dúvida, alguma participação no carma coletivo, ainda que mínima.

Já uma doação completamente livre e não condicionada a apegos por parte do doador (nem mesmo quanto a agradecimentos) é a maneira de lidar com os bens que está mais próxima da vibração espiritual e das leis superiores. As duas primeiras, embora corretas perante as leis da superfície da Terra, infringem leis maiores. Na realidade, os bens deviam ser de todos e, portanto, compras, vendas e empréstimos são característicos de civilizações que ainda não conhecem a verdadeira ordem do universo.

Seria inconcebível, num mundo que vive sob leis superiores, haver compra, venda ou empréstimo de qualquer coisa, já que nenhum ser evoluído considera-se proprietário de nada. Na civilização que habitará a superfície da Terra após a purificação global, vai-se recuperar o valor dos metais nobres e restaurar o livre fluxo dos bens.

Diz Paul Brunton, filósofo que trabalhou para antecipar os tempos novos, que há na Terra criaturas que estão nos estágios iniciais do desenvolvimento do ego. Seria tolice, segundo ele, esperar que respondessem a um ensinamento mais avançado. Elas serão atraídas para planetas que estejam em fase inicial de desenvolvimento, ou para planos de existência correspondentes ao seu estado de consciência, pois precisam fortalecer o ego humano. Há, portanto, certas considerações sobre o dinheiro que não lhes servem. Estamos nos dirigindo aqui àqueles que já podem decidir, pelo grau de crescimento que alcançaram, a enfraquecer o ego humano ao invés de exaltá-lo. Enfraquecê-lo, todavia, não significa sufocá-lo, mas, habilmente, conduzi-lo para ONDE se quer ir com a totalidade do ser – embora o corpo físico, o de emoções e o de pensamentos possam ser deixados nos níveis tridimensionais, se o SER cósmico que integra o indivíduo assim o decidir.

Eis o que se precisa compreender para se redimensionar o ego humano: a ideia comum de "necessidade" leva o homem da superfície deste planeta a confundir-se diante da infinita abundância cósmica. De um ponto de vista superior, ou seja, da nova Terra, a única e verdadeira necessidade que o homem poderá ter é a de expressar a essência cósmica que se encontra no âmago do seu ser, nos níveis mais profundos. É um impulso que o leva a progredir EM CONSCIÊNCIA. Todas as outras necessidades são secundárias e jamais poderão ser supridas se não se cuida dessa, prioritariamente.

Para aqueles que ainda estão na fase de insuflar o ego humano, as necessidades materiais, sociais, emocionais e mentais são muito importantes. Note-se, contudo, que elas somente serão supridas quando o ego for posto de lado, ou quando perder o predomínio que ainda exerce sobre o homem comum.

A personalidade insiste em despertar o indivíduo para relacionamentos aparentemente novos com o mundo material e com as forças psicológicas, mas é nos níveis supramentais que se encontra o alimento realmente novo para ele. Portanto, não se consegue progresso verdadeiro e constante quando se está em busca da satisfação de desejos e quando se quer manter hábitos corriqueiros. Como se vê, a sociedade de consumo, típica desta civilização que está no fim, não alimenta o crescimento da consciência, mas somente' o desenvolvimento material e o desperdício.

Quando se está consciente das leis superiores e pronto a vivê-las, não se precisa sair em busca de nada. O que é necessário aparece, trazido pela própria situação de NECESSIDADE. Pode-se dizer que o indivíduo consciente, quando realmente precisa de algo, não o pede, porque não tem tempo de fazê-lo: o necessário lhe vem às mãos antes disso. Ele somente chegaria a pedir se duvidasse dessa lei imutável.

Abundância e alegria não podem ser encontradas através do ego pessoal, ou seja, da estrutura física,

emocional e mental pensante do homem. O ego pessoal, segundo todos os que o dominaram, é produto do ambiente, das forças externas e, portanto, não é o verdadeiro indivíduo. A tendência de se pactuar com as forças do ego é um movimento intelectual moderno, considerado já superado por aqueles que conhecem interiormente a constituição do seu próprio ser. A realidade é encontrada pelo homem, quando ele abre mão de tudo o que conscientemente é e quando entrega aos níveis superiores do seu ser todas as lembranças do seu passado terrestre.

Para cooperar com o processo purificador do planeta, o indivíduo pode, em vez de observar as próprias imperfeições demoradamente, procurar os meios para transformar-se em canal para a energia da purificação, presente neste fim de ciclo, energia essa que está agindo sobre a superfície da Terra em geral. Pode vir a ser um canal efetivo, desapegando-se dos resultados do próprio trabalho, mantendo a atenção firme no movimento de se abrir às energias superiores e sendo persistente e fiel a ele.

Duas leis combinadas – a da Evolução e a da Purificação – estão hoje, de modo mais intenso, manifestando o seu espírito criativo. A primeira, trazendo a reforma genética aos indivíduos receptivos a ela no mundo de superfície; a segunda, provocando a destruição de todos os obstáculos ao crescimento espiritual e aos novos padrões de vida que se estabelecerão na Terra. Os bons observadores notarão, nos fatos que estão acontecendo

no mundo, a atuação dessas leis. Irão sentir-se, assim, cada vez mais receptivos a vibrações superiores e cada vez mais abertos aos movimentos do ser interior. Isso os conduzirá a novos padrões de vida e de pensamento.

Contudo, para se chegar a essa compreensão e, com ela, à rápida metamorfose do ser tridimensional, é preciso saber ler através dos fatos da crônica diária da própria vida e deixar-se levar pelo impulso da energia cósmica, que usa métodos infalíveis, ainda que incompreensíveis para a mente comum. Muitos de nós estão sendo impulsionados mais vigorosamente do que o fomos no passado; é bom estarmos preparados, portanto, para as surpresas que nos esperam, nestes próximos anos, sob a égide da Lei da Purificação.

O PONTO DE PROVA

O relacionamento do homem com o dinheiro e com os bens materiais está em crise e prestes a ser transformado profundamente. Já vivemos essa transição em todo o planeta. Qualquer atividade evolutiva, neste momento, não poderia visar a consertar sistemas ou regimes econômicos, que se encontram em fase final de expressão. É pelo que se vai exprimir um dia aqui no planeta Terra que devemos trabalhar e não pelo que ainda existe e está se extinguindo.

O processo que vem sendo usado para a circulação do ouro e do dinheiro ainda está ligado à fase em que o planeta tendia a ser cada vez mais material, sólido, concreto. Agora, porém, inicia-se o seu ciclo de progressiva sutilização – o que implica uma mudança de comportamento do homem diante dos bens materiais. Como sabemos, todos os planetas têm uma fase em que gradativamente se materializam, até que chegam ao auge da sua densidade, como a Terra chegou; iniciam depois outro ciclo, de desmaterialização, até que passem totalmente

para os níveis suprafísicos da existência, desaparecendo do plano físico denso.

À medida que um planeta vai-se sutilizando, tudo o que diz respeito à sua órbita e à sua vida segue o mesmo caminho. Assim, a humanidade da superfície da Terra, que se havia tornado cada vez mais materialista durante o processo de solidificação planetário, estará, de agora em diante, cada vez mais voltada para a existência imaterial.

O grande crescimento do materialismo a que hoje ainda assistimos está, pois, ligado a este final de ciclo. A partir de agora, inicia-se um movimento oposto, cujos sintomas já se podem ver em muitos setores da vida humana. O interesse crescente por fatos suprafísicos, o desenvolvimento da telepatia superior e do pensamento abstrato, a conscientização da meta espiritual do mundo e da humanidade já estão patentes.

É evidente o confronto entre as forças da densidade (o materialismo em todas as suas manifestações) e as forças da nova Terra (a ligação cada vez maior com os mundos suprafísicos). Nos níveis sutis da vida planetária, esse confronto já foi resolvido e não há luta; entretanto, nas três dimensões nas quais o homem é consciente – física, emocional e mental – ele ainda existe de modo bem claro. Isso ocorre assim porque esses planos demoram a refletir uma situação real, superior. Nos níveis mais elevados da consciência, por exemplo, cada indivíduo da superfície da Terra já decidiu que caminho seguir: o das energias evolutivas ou o das involutivas. Entretanto, em nível de personalidade, as

pessoas nem sempre têm consciência da escolha que fizeram e por isso vivem ainda debates mentais, emocionais e até mesmo físico-etéricos, como se vê pela precariedade do estado de saúde que tantas vezes apresentam.

Conflitos ainda se dão nos níveis psicológicos de um indivíduo, porque ele externamente não reconhece que ter os bens materiais para uso próprio, ou para uso estritamente daqueles a que estão ligados carnicamente, é uma fase já ultrapassada nos planos internos de sua consciência. Muitos já têm a tendência de usar esses bens não mais para si, mas em função de um plano evolutivo que começam a entrever e conhecer – às vezes intuitivamente, outras, através de sinais externos bem claros.

O uso correto da energia monetária, enquanto ela ainda persiste como meio de relacionamento neste planeta, vem sendo um ponto de estudo e de provas para os que estão coligados com a realidade interna do próprio ser. Existe já a possibilidade de se perceber quais são as necessidades grupais, mundiais e de começar a se voltar para elas, com o intuito de ajudar a supri-las.

Antes, porém, que uma pessoa possa ser realmente útil, e integre algum plano de obra para o bem da humanidade, é necessário que tenha feito certo trabalho no sentido de transcender o próprio desejo, a própria sensualidade e o próprio pensamento comum. O desejo leva o homem a perseguir e a adquirir o supérfluo; a sensualidade leva-o a interpretar a vida de modo materialista e o pensamento comum leva-o a seguir fórmulas,

conceitos ou experiências anteriores, que muitas vezes de nada mais servem, pois o Espírito sempre se renova e, portanto, não repete situações quando as lições que elas trouxeram já foram aprendidas.

Nesta civilização que está prestes a terminar, o homem atraiu recursos materiais para subsistir, sem levar em conta a situação dos outros. Quase sempre, o sustento próprio ou dos coligados era conseguido a expensas da vida de outros seres. Ilustra muito bem isso o que ele fez com o reino animal, usando-o por milhões de anos como alimento, sem levar em conta que esse reino, até certo ponto, dependia dele para evoluir. Em contato com o homem, que já tem um corpo mental formado, os animais poderiam ter desenvolvido muito mais suas mentes embrionárias.

Um dos trabalhos da humanidade da superfície terrestre seria, pois, o de distribuir energia espiritual aos reinos sub-humanos, levando-os, assim, a evoluir. Atualmente, porém, ela chegou a um considerável distanciamento dessa meta, praticando até mesmo ações contrárias às que as leis superiores prescrevem.

A ética comum, nesta civilização que caminha para uma purificação global, permitiu que o homem subtraísse dinheiro dos semelhantes para manter a própria subsistência. Portanto, a energia monetária traz em si certo carma, que talvez não possa ser resolvido a longo prazo, dada a urgência dos tempos: as mudanças que advirão nos próximos momentos cíclicos estão às portas,

trazendo consigo novos padrões de comportamento. Não é seguro que o dinheiro, com o carma que tem, possa continuar como meio de relacionamento entre os homens e como manifestação das obras do Espírito.

Com o advento da purificação, impõe-se ao homem outro entendimento com respeito até mesmo à doação de bens materiais. O que se costuma chamar de doação é, na realidade, uma espécie de comércio, pois é feita sob recibo e quase sempre deduzida de impostos que devem ser pagos ao Estado. Essa prática está, portanto, corrompida. Além disso, quando se doa condicionalmente, não se está doando realmente, mas, sim, na maioria das vezes, procurando alívio para os próprios conflitos. O espírito da verdadeira doação, por outro lado, leva o homem a liberar o que está em suas mãos, sem a menor preocupação de obter retorno ou qualquer privilégio, ainda que espiritual. Prêmios ou recompensas e, ainda, o controle sobre o destino dos bens doados, lhe são estranhos, quando ele está imbuído de desapego incondicional.

O verdadeiro doador SABE que, na verdade, ele nada deu; SABE que tudo pertence à ÚNICA VIDA e que, portanto, nada do que passa por suas mãos é seu. Ele é um mero intermediário para que algo seja transferido de um local para outro, ou de uma mão para outra. É apenas um instrumento de uma administração divina e nada ambiciona, porque ela é a própria abundância.

Assim sendo, numa doação autêntica, não existe quem dá nem quem recebe; ambos estão conscientes de que são meros depositários do que não é de ninguém em

particular, mas, sim, do TODO. Quanto mais livre é essa fluência, mais livres de vínculos terrestres se tornam os bens materiais doados. Quando um indivíduo faz realmente uma doação, ele se libera de apegos materiais e humanos porque está representando, naquele momento, a fonte única de todos os elementos – fonte que vê as criaturas como membros de um só corpo: a Humanidade.

Um dos aspectos mais degradantes do que se costuma chamar de doação é o de educar-se alguém com a finalidade de receber, mais tarde, algum retorno. Esse é o impulso que move o sistema de educação vigente e, por isso, ele está completamente comprometido. Enquanto as crianças forem conduzidas a serem úteis, de algum modo, aos esquemas de uma sociedade presa às leis de um mundo meramente material, os organismos educacionais não encontrarão, em si mesmos, energia para subsistirem.

Como se vê, os sistemas de produção e de circulação de bens estão enredados em muitos vícios. O resultado, em se tratando de progresso, está aí para ser visto; tecnologia às vezes usada para o mal, recursos desperdiçados, desequilíbrio moral, material e social.

Neste fim de ciclo, a energia cósmica que envolve a Terra possibilita nosso contato direto com a Mente Superior. Segundo essa Mente, a consciência no homem não se sente proprietária de bens materiais, e muito menos de pessoas. Não seria evolutivo, portanto, querer moldá-las à nossa imagem e semelhança, mesmo que

nossa razão nos dissesse que visamos exclusivamente o bem delas.

Certas atitudes de nossa parte serão de utilidade nessa passagem para uma etapa de purificação. Assim, ouvir mais, para aprender e falar menos, eis outro indício de que o indivíduo está se coligando com a Mente Superior ou supramente. Falando só o necessário, ele cria um ambiente de amor, de confiança e de alegria. Em vez de pregar conceitos, que geralmente servem e são bons apenas para quem os proclama, a educação deveria visar a ajudar o outro a recordar-se do que ele realmente é, do seu eu mais profundo. Todos os homens viveram muitas vidas sobre esta Terra, e alguns fizeram também experiências em outros sistemas planetários, às vezes mais desenvolvidos do que o nosso. Portanto, cada indivíduo tem dentro de si considerável conhecimento, que deverá emergir, quando for necessário.

Não programar em excesso, nem criar expectativas é outro ponto importante a ser levado em conta nesta etapa de purificação. Fixar-se demais em projetos pode paralisar uma ação do espírito, que é sempre novo. Fazer programações serve para facilitar a organização da vida no plano físico, e delas depende, muitas vezes, a harmonia dos empreendimentos. Entretanto, um planejamento, depois de feito, deve estar entregue às energias espirituais. Assim, ao primeiro sinal (verdadeiro) de que ele precisa ser mudado, caberá ao homem simplesmente seguir a nova orientação.

Quanto às expectativas, são um vício da personalidade, fruto de experiências positivas anteriores que ficaram no subconsciente e que emergem como se fossem etapas novas a serem alcançadas. Pela recusa do próprio Ser Interior em concedê-las à personalidade, vê-se que não são um material positivo, mas redundante. Quantos se lamentam por não verem realizadas suas expectativas! Talvez não saibam o quanto estão sendo estimulados, com isso, a seguir o caminho direto à meta verdadeira e a abandonar de vez os atalhos.

Em ciclos passados, o estudante tinha de se entregar a complicados exercícios para purificar-se e para sintonizar o próprio ego humano com as energias superiores. No ciclo atual, certos exercícios podem ser de ajuda, desde que a aspiração seja realmente o ponto central a estimulá-lo. Ele deve ficar diante da própria aspiração, ser sincero e justo consigo mesmo, para, em seguida, ter capacidade de ser sincero e justo com os demais. Poderá, assim, tornar-se um instrumento efetivo para a Obra que o Espírito deve realizar.

Uma pessoa que, nesse sentido, passou por uma experiência significativa durante um momento de quietude, escreveu suas impressões para que fossem úteis a outros buscadores da realidade:

"Vi um prato diante de mim, estendido por mãos erguidas, em súplica. Coloquei ali uma concha de alimento vindo dos céus; imediatamente surgiram inúmeros outros pratos, erguidos também em súplica, aos

quais eu ia servindo com a mesma concha de alimento que pegava no ar. A concha estava sempre cheia, pronta para o prato seguinte."

"Para mim essas imagens são um quadro da situação daqueles que, no mundo, clamam por alimento superior, e da situação do servidor que, ao suprir uma necessidade, logo tem inúmeras outras para atender. O alimento é inesgotável, basta pegá-lo: ele está aí para ser posto nos pratos dos necessitados."

Essa experiência traz dados úteis e retrata a eterna lei espiritual: a abundância cósmica está disponível para os que distribuem suas dádivas, pois, assim fazendo, servem de canal para que ela se difunda. Essas dádivas vão aonde são mais úteis, sendo o servidor o intermediário entre a abundância e a necessidade. Quando um indivíduo assume a atitude interior de abrir-se como canal para a manifestação da abundância, todos os seus problemas estão resolvidos.

A única perspectiva que pode ser considerada ampla, nesta época de transição, é aquela trazida por um ponto de vista suprafísico, ou seja, de uma conexão consciente com os nossos níveis superiores de consciência. Esta afirmação enuncia uma conhecida lei espiritual, que sempre foi válida; entretanto, estamos caminhando para uma experiência ainda maior, que é a mudança do código genético humano.

O NOVO CÓDIGO

Chegou o momento da substituição do código genético humano. Todo o planeta Terra terá oportunidade de alterar o carma genético e o GNA é parte dessa mudança. No plano físico, os corpos dos que já cumpriram sua tarefa passarão por uma troca de densidade, ficando mais sutis. No plano espiritual, isso acontecerá segundo leis que lhe são próprias.

Os impulsos espirituais de um ser são codificados pelo corpo sutil. Por quê? O traje físico será deixado nos momentos de turbulência que virão, e será utilizado o traje sutil, onde se registrará tudo o que o homem viver. Conforme se sabe, toda a energia do consciente cósmico projeta-se através do gerador sutil, que, por sua vez, é acionado pela superconsciência. Esta não admite dualidades como, por exemplo, ideias-pensamento. Nela, o homem torna-se uma manifestação unida.

É importante salientar que todos estão sendo atraídos para usarem o novo traje, de natureza mais sutil. Mesmo os desencarnados estão sendo convocados para tal.

A partir de agora, isso será ainda mais intensificado, levando a consciência cósmica, que se encontra latente no hemisfério direito dos indivíduos, a emergir. É necessário que se conheçam as outras dimensões, para se poder cooperar conscientemente com a Lei da Evolução. Não há outro caminho para resolver os problemas da Terra, e do homem. É necessário usar um corpo (ou traje) sutil, para locomover-se em níveis mais rarefeitos e isso o homem conseguirá fazer, daqui por diante, quando estiver sob o novo código genético.

O novo estado de consciência começa a eliminar as ideias que possam perturbar e atrasar o indivíduo que escolheu o caminho da compreensão sintética. Dentro dessa nova ordem, todo sincretismo pereceu e as tabelas e fórmulas elaboradas pelos homens perderam a razão de ser. Todas as vezes que um grande ciclo chega a seu termo, mudam também as leis planetárias. Tudo isso faz parte do plano evolutivo. Essa mesma situação que hoje presenciamos ocorreu no tempo da Atlântida, do Reino de Mu, e das Amazônias. Este último, conforme se sabe, era um reino vegetariano, do qual resta apenas uma sombra.

O mundo cósmico não é apenas suprafísico, mas também material. Por outro lado, sua parte antimaterial está constituída por energias de qualidade superior. Assim sendo, quando um corpo físico envelhece, o ser parte como energia antimaterial, para o mundo suprafísico, até conseguir a energia vital-antimatéria, menos

densa e mais inteligente, cujos trajes sutis adota para projetar-se quando necessário.

Ora, nada disso tem a ver com o DNA. O homem novo terá concluído o seu carma e, portanto, terá condições de deslocar-se através de outros recursos. Por quê? Porque, ao mudar de código genético, lhe terão sido introduzidos genes mais puros, mais sublimes, desprovidos de carma, já que não tem livre-arbítrio. Nesse novo código, todos partilharão do mesmo conhecimento e cumprirão as tarefas determinadas pela nova lei evolutiva que é, na realidade, um aspecto superior da lei evolutiva conhecida até então no planeta. Conhecerão assim o verdadeiro amor e saberão que são parte de uma harmonia que os integra definitivamente à ordem do universo.

O homem, em essência, é cósmico e tem inteligência desenvolvida. Sua estrutura, entretanto, é terrestre pela sua conformação densa. Não se deve esquecer que o traje denso morre, quando o homem o abandona para ir em busca de suas origens inteligentes; portanto, os corpos sutis não levam consigo conteúdo mineral-vegetal-animal.

Assim logra-se chegar às leis sob as quais inexistem o carma material e a reencarnação. Mas isso só será possível se for adotado o caminho de ajudar o próximo a cumprir suas respectivas etapas. Assim foi com Gandhi, assim com Jesus. Ambos desceram até este plano terreno para servir. Na Lei Evolutiva todos descem de plano, para ajudar os que ficaram abaixo.

A mutação acha-se embrionária em todos os reinos existentes na superfície da Terra. Todo espírito contém polaridades – e estas condicionam as células andróginas, que se comportam cada uma com sua inteligência. Todavia, todas estão integradas no grande estado de consciência-universo. Por isso compartilham do plano físico. Seu reino e sua essência, porém, estão na fonte cósmica, como estão o reino e a essência dos homens.

As polaridades são concebidas para que haja integração em todos os planos que devem ser atravessados, a fim de se lograr a evolução final. Assim, à medida que a evolução se dá, ela se realiza em planos cada vez mais sutis, ou menos densos. É preciso ter isso em mente, sempre.

O homem andrógino começa a crescer, quando aceita que está aqui para aprender a progredir. E isso ele consegue, quando cumpre as leis do cosmos, reconhecendo que é um ser evoluído que, sendo energia vital, deverá caminhar em escala ascendente na *Consciência Cósmica*. Para que isso seja possível, é necessário renunciar ao livre-arbítrio que, tendo guiado o homem terrestre até agora, conduziu a civilização atual a um labirinto sem saída. Ao renunciar ao livre-arbítrio, o homem deixa que o seu consciente direito se desenvolva. Com isso, terá as informações necessárias para conduzir-se em evolução, em toda e qualquer circunstância, até chegar aos reinos superiores. Aí o homem deverá alimentar-se do alento cósmico que é a sua verdadeira origem.

Não existe possibilidade de resolver-se os problemas terrestres, sem essa conscientização.

Lembre-se, uma vez mais, de que cromossomos não têm participação nas novas leis planetárias. Não existirão nos novos corpos, pois, como já vimos, eles serão menos densos. Assim o homem poderá deslocar-se para outros planos de existência, em outras leis.

O homem tem uma tarefa cósmica para levar adiante, em conformidade com um grande plano. Existem outros mundos, outras civilizações que serão visitadas pelo homem algum dia – mas, antes disso, o homem precisa aprender a usar outros trajes. Para isso o código genético está sendo mudado nos corpos.

A evolução futura terá um novo homem, com uma cultura que não mais o afastará do estado DEUS-HOMEM. Essa cultura dará a ele uma consciência inteligente que o integrará, por milênios, a outras civilizações que povoam esse infinito cosmos de energia de amor.

Os problemas vividos hoje, por ignorância e por excesso de densidade no homem, estarão perdidos nos tempos. O mundo começará um novo ciclo e o seu negro passado não mais prevalecerá.

O ser é uma unidade, mas ao mesmo tempo é múltiplo. O macroespírito é cósmico, mas o homem humano está no plano do microespírito. Sendo este um microcosmo que contém a célula do Homem Maior, macrocosmo,

é necessário que se expanda pelo universo. Todo habitante do planeta Terra tem, em seu interior, a palavra cósmica que o identifica com a escala maior que deixou ao vir para cá. Sempre que volta a encarnar, o homem traz consigo a chave, embora oculta, da sua origem. A história do planeta Terra foi dolorosa até hoje, porque essa chave interna ficou esquecida, no interior de cada homem.

Esta é a época do reencontro, em todos os níveis. É o novo começo do mundo, após a sua purificação global.

APÊNDICE

extraído e adaptado do livro
HORA DE CRESCER INTERIORMENTE
(O Mito de Hércules Hoje)
de
Trigueirinho

O TOURO DA ILHA SAGRADA

Nesta segunda história figura um Grande Ser que preside a tudo. Esse Ser, onisciente, dirige-se ao Instrutor de Hércules e diz-lhe que um fracasso, quando bem compreendido, garante o crescimento da consciência. Adverte-o, ainda, a deixar Hércules prosseguir e ir ao encontro da tarefa seguinte, atravessando o segundo Portal. Após receber a voz interna do Grande Ser que a tudo preside, o Instrutor ordena a Hércules que passe pelo Portal.*

O herói vai e, assim, entra em uma nova etapa. Solitário e triste após a experiência anterior com as éguas malfeitoras, mesmo assim ele envereda pela luz da nova fase. Encontra, de imediato, uma formosa ilha, onde um labirinto, que confunde os homens, seduz todos com promessas de gozo.

Procurando atravessar o oceano em busca da tal ilha, Hércules tem como meta capturar um touro, tido como

* Segundo o Mito de Hércules tratado no livro HORA DE CRESCER INTERIORMENTE.

sagrado, que nela habita. Chegando lá, procura-o paciente-mente percorrendo vários locais, numa longa peregrinação.

Sozinho, desta vez, em sua busca, Hércules prossegue e é atraído pelo brilho de uma luz. Trata-se de uma estrela que reluz na própria testa desse touro. Tal brilho não mais permite que o animal continue escondido em lugares escuros, sem ser identificado. Então Hércules chega ao esconderijo do touro. Mesmo sem poder contar com mais ninguém, captura-o e monta-o, como se fora um cavalo. Assim montado, Hércules atravessa o mar, deixando atrás de si a ilha formosa, e volta para o continente levando consigo o touro.

Três seres portando um único olho no centro da testa aguardam Hércules no continente. De forma misteriosa, eles também vinham observando seus progressos, principalmente sua façanha de atravessar as ondas do oceano. Logo que chega à terra firme, Hércules é recebido pelas três criaturas, que seguram o touro recém-capturado e liberam o herói desse encargo.

Esses seres, irradiando grande poder e sabedoria, como que tentando Hércules, fazem-lhe algumas indagações. Perguntam-lhe, por exemplo, qual o motivo de sua estada ali no continente. O herói responde-lhes, de maneira decidida, que queria ter o touro sob o seu controle. Em seguida, informa-lhes que o rei da ilha, que até então mantivera o touro prisioneiro, tencionava conquistá-lo. Se isso acontecesse, segundo Hércules, seria uma espécie de morte.

As três criaturas perguntam-lhe também quem o mandara buscar o touro e salvá-lo daquele rei e daquela ilha. Hércules demonstra-se consciente do seu caminho, respondendo que foi dentro de si mesmo que sentiu a necessidade de capturar o animal, e que, para tanto, tinha sido guiado por uma luz sagrada no momento de encontrá-lo. Diante disso, aqueles seres de um só olho disseram-lhe que seguisse em paz e que considerasse completada a tarefa.

O Instrutor, que acompanhava aquela cena, faz-se então visível. Aproximando-se, observa com alegria que o guerreiro está de mãos vazias: voltara da sua tarefa sem contar vitória, dizendo apenas que o touro fora resgatado e que estava sob a guarda dos três homens.

Depois de tudo isso, Hércules pode, finalmente, repousar sobre um tapete de relva. O Instrutor afirma-lhe que realmente a tarefa está concluída e que fora um trabalho relativamente fácil. A ausência de dificuldades pode se dever ao fato de que Hércules jamais estipulara um preço como recompensa e nunca fora menos solícito, embora nada esperasse da façanha.

* * *

Nesta história, deparamo-nos com um personagem importante, que é o Grande Ser Que Preside. Ele se encontra num nível além do Instrutor, tanto em termos de capacidade como de consciência. O Que é esse Ser? Existiria uma hierarquia de seres na órbita desta Terra?

Qual seria sua função e que contatos teria conosco, ainda humanos? Essas questões, se levantadas, irão suscitando respostas dentro de cada indagador, em seus momentos de reflexão, no decorrer destas viagens.

Outro fato digno de nota que o segundo Trabalho de Hércules nos revela é que "não há fracassos". O Trabalho anterior fora considerado malfeito; entretanto, eis Hércules aqui diante de uma segunda oportunidade. Somente em níveis emocionais e mentais, experiências que desagradam são vistas como fracassos; de um ponto elevado, "de onde somos observados", por vistas mais amplas, o fracasso não existe. O que importa é a experiência feita, a vivência assimilada, o desenvolvimento do homem. Tudo o que leva à transformação é válido.

Neste Trabalho, a parte humana do indivíduo precisa ser transformada. O touro que figura neste Trabalho simboliza o sexo em todos os seus aspectos: desde a força criativa até o desejo animal. A ilha com seu labirinto representa a grande ilusão, o eu separado, a totalidade do desejo; o continente, para onde Hércules leva o touro domado, a consciência do Eu Superior.

Neste episódio, nesta etapa do desenvolvimento da alma, Hércules é ainda a unidade que tem a consciência separada, dividida do continente pelo mundo da ilusão (o oceano) no qual ainda vive. Montar o touro significa aqui controlar o sexo. Note-se que este não é massacrado, nem morto, mas montado e guiado sob a maestria do homem.

Aqueles que vivem no continente simbolizam o uso correto da energia. Na sua natureza animal, Hércules é o touro e, na sua natureza superior, corresponde a esses homens corretamente polarizados e que, por isso, têm um único olho. Os homens são três, porque cada um corresponde a determinado aspecto divino da alma: vontade espiritual, amor-sabedoria e inteligência ativa.

* * *

O continente, como vimos, simboliza a consciência superior não separatista. Controlar o touro e conduzi-lo até lá só é possível depois que o homem se torna "solitário", isto é, quando assume a própria evolução sem esperar que outros decidam por ele. Somente depois de provas duras é que ele estará em condições de controlar a energia sexual. Antes disso, essa energia apenas alimenta e atrai os seus desejos. O labirinto da ilha é vencido somente quando o homem já perdeu uma série de ilusões, pois então as promessas de gozo não mais o atraem tanto. Observe-se que a primeira tarefa, com o seu "fracasso", foi de capital importância para criar esse clima receptivo dentro de Hércules.

* * *

Este segundo episódio mostra-nos, pois, que o relacionamento de um indivíduo com a energia sexual depende do seu grau evolutivo. Não há dois indivíduos em pontos iguais, portanto não há fórmulas para esse

relacionamento. A educação, a atitude e a aprendizagem do homem, ao confrontar-se com essa energia, estão diretamente ligadas à consciência que ele já pôde atingir. Em seus NOTEBOOKS, Paul Brunton esclarece melhor o assunto, apresentando as quatro etapas correspondentes à evolução do homem em relação à energia sexual. A fim de sintetizar o estudo feito aqui, considero eficiente o exame desse quadro organizado segundo aquele ensinamento:

| <i>HOMEM COMUM</i> | <i>ASPIRAÇÃO INICIAL</i> | <i>ASPIRANTE AVANÇADO</i> | <i>INDIVÍDUO REALIZADO</i> |
|---|--|---|--|
| <i>Não está particularmente interessado em mais que uma boa vida.</i> | <i>Usa uma disciplina sexual moderada.</i> | <i>Busca atingir o mais alto padrão possível de autocontrole.</i> | <i>Tem total controle da energia sexual.</i> |
| <i>Permanece nas aspirações convencionais.</i> | <i>Tem ritmo em suas práticas sexuais.</i> | <i>É capaz de abstinência total</i> | <i>Não necessita de regras de disciplina.</i> |
| <i>Não procura orientação alguma de ninguém no campo do sexo, a não ser para ter mais prazer e bem-estar.</i> | <i>Compreende a natureza da força sexual.</i> | <i>Quando não ligado a alguém</i> | <i>Procria, quando necessário, a título de serviço: prevê corpos físicos para almas evoluídas.</i> |
| | <i>Impõe-se limites nesse campo.</i> | <i>Procria, se necessário, porém de forma qualitativa e não quantitativa.</i> | |
| | <i>Quanto ao uso da energia, aceita ou não orientação de alguém mais experiente.</i> | <i>Neste caso, cabe, eventualmente, orientação por parte de alguém mais experiente.</i> | <i>Nenhum conselho e nenhuma orientação externa é cabível ao indivíduo deste nível.</i> |

Antes de mais nada, lembre-se: o touro que figura nesse trabalho é símbolo da força criativa, a qual,

quando redirecionada, transforma-se em um tipo não sexual de energia, útil para outros fins, além da procriação. Examinando-se o quadro acima, pode-se facilmente encontrar o próprio ponto de evolução em termos do uso dessa energia e perceber quais os passos a serem dados a seguir. Atente-se, contudo, para o fato de que na escala evolutiva não se saltam degraus e que existe sempre algo que podemos fazer para galgarmos o degrau seguinte.

Para "montar o touro", levando-o da separatividade e do desejo pessoal ao continente do "bem grupal", são necessárias a cooperação da mente e da vontade e a reeducação do ato de respirar. A mente coopera quando compreende a verdadeira idéia do celibato, que, sem a conotação normal dos dicionários; adquire outro sentido. Entende-se aqui por celibato a polarização de toda a energia mental da criatura em um só ponto – no caso, na alma, centro da sua consciência, que, passando a ser a única meta do indivíduo, reafirma seu próprio propósito. Com a alma completamente voltada para o próprio propósito e a mente nela concentrada, temos a ação, o sentimento e o pensamento corretos. O homem está, assim, com a energia unificada em direção d sua alma e é, portanto, celibatário.

* * *

Um outro aspecto a ser considerado é o da reeducação do ato de respirar. Trata-se de diminuir o nosso número de respirações por minuto. As respirações pausadas, rítmicas, não excessivas, permitem um intervalo

maior entre a inalação e a exalação, e entre esta e a seguinte inalação. Quando esses intervalos são suficientemente longos, através deles imprime-se a vibração da alma na mente e a da mente no cérebro. Assim, com tal estimulação, a integração da personalidade é facilitada.

Ralenta-se o ritmo respiratório, quando a mente é colocada em ideias fora do corriqueiro, ou quando se volta sobre si mesma, isto é, quando busca o centro da própria consciência. "Cala-te, aquieta-te e sabe que Eu Sou Deus", diz a antiga voz.

Os aspirantes, tanto os iniciantes quanto os mais avançados, têm de passar por provas sucessivas, até que se definam em suas vibrações, ou seja, até que a qualidade delas se estabilize. Tais provas vêm no sentido de ajudá-los a calibrar a própria natureza animal, neutralizando os efeitos da ilusão geral do ambiente e da sociedade de consumo. Há três grandes obstáculos a essa realização: a mente ocupada com o pensamento do sexo, a preocupação em satisfazer desejos e a incapacidade de resistir à atração exercida pelo sexo oposto. Como se vê, a sociedade atual coopera para que esses obstáculos sejam fortalecidos. Nesta época, o desafio é, portanto, considerável para todos.

* * *

O resultado deste Trabalho de captura do touro equivale a reconhecer as funções sexuais físicas como uma

herança divina, como um equipamento que nos foi dado para a continuação da espécie humana no plano físico – já que em outros níveis de consciência não há necessidade de reprodução sexuada, como se sabe. Esse grupo humano do plano físico não é, porém, para ser reproduzido indiscriminadamente, uma vez que isso acarreta superpopulação, miséria e promiscuidade. Na época de hoje, ao mesmo tempo em que essa reprodução inconsciente e desequilibrada se evidencia sobremaneira, prepara-se o encaminamento, para um outro esquema planetário ainda iniciante, das almas que não podem acompanhar a evolução da Terra. Portanto, antes que esse novo destino se abra para elas, o equilíbrio universal dá-lhes múltiplas oportunidades de fazerem suas últimas experiências terrestres, que lhes serão de grande valia no seu próximo "habitat". Assim sendo, milhões de almas que não teriam mais condições de encarnar aqui o estão fazendo por uns tempos ainda. Com isso, cria-se um ambiente aparentemente caótico no planeta, situação que é, entretanto, transitória.

* * *

A energia sexual, que é criativa, enquanto reprodutora, tem a função de levar adiante o grupo humano, provendo corpos para as encarnações de almas. Cumprida essa tarefa, pode ela, no entanto, ser sublimada em todos os seus aspectos de desejos e transformar-se em capacidade para criações superiores em outros níveis de consciência, já abertos ao homem.

Existe uma inter-relação não só entre indivíduos de sexos diferentes (compreendendo-se o sexo físico como manifestação de uma polaridade do ser), mas também entre planetas, entre sistemas solares e entre universos. Assim como um homem e uma mulher se unem para trazer à encarnação uma outra alma, um planeta também tem, no espaço, o seu par complementar. Por sua vez, um sistema solar também tem seu complemento em outro sistema solar, e um universo passa pela mesma experiência de complementar-se com outro universo. Um indivíduo, complementando-se com um outro, forma um terceiro indivíduo, encarnado; um planeta, complementando-se com a energia de um outro, cria algo para nós desconhecido; um sistema solar, complementando-se com outro, produz manifestações que ainda não foram reveladas à mente humana normal. O mesmo se dá com as criações concernentes a dois universos que se completam: elas ainda são inimagináveis para a maioria dos pesquisadores terrestres.

O controle do desejo sexual, o ato de levar o touro da ilha para o continente e de entregá-lo aos homens de um olho só são, em um ser humano, tarefas de repercussão mais profunda do que a mente normal pode conceber. Uma vez cumpridas, serão dadas aos indivíduos, posteriormente, provas ainda mais sutis no campo do sexo.

Leia também

TRILOGIA DAS
CIVILIZAÇÕES INTRATERRENAS

ERKS

MUNDO INTERNO

*Há cerca de 20 mil anos ERKS
vem se consagrando a ajudar a superfície
da Terra, agora em sua fase mais crítica.*

MIZ TLI TLAN

UM MUNDO QUE DESPERTA

*A civilização intraterrena que se encarrega da
reforma genética no homem da superfície da Terra,
apresentada pela primeira vez.*

AURORA

ESSÊNCIA CÓSMICA CURADORA

*A cidade intraterrena que se ocupa da introdução
da cura cósmica na próxima era do planeta.*

Editora Pensamento

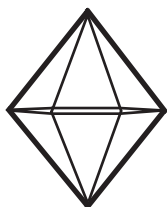
GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

TRIGUEIRINHO

Com mais de mil verbetes acerca do que se passa na Terra e no ser humano nesta época de transição, esta obra vai ao encontro tanto dos que estão despertando para a vida interior, quanto dos que já aderiram a ela.

Esclarece aos que buscam a verdade e anseiam penetrar o lado desconhecido da existência humana, planetária e cósmica.

Mostra que enquanto se colhe a sementeira de ciclos passados, planta-se a vida futura na Terra.



ALQUIMIA, MISTICISMO, LOGOS PLANETÁRIO, ANARQUIA DIVINA, RAIOS, RELIGIÃO, GRUPOS INTERNOS, ANDROGINIA, APARIÇÕES DA VIRGEM, ASTROLOGIA, SONHOS, ENERGIA SEXUAL, BASE DE OPERAÇÕES, CENTRO DE MISTÉRIOS, ARCANJO, NAVE ALFA, NAVE-LABORATÓRIO, SAINT GERMAIN, CENTRO DE TRASLADO, TRANSMUTAÇÃO, ANTIMATÉRIA, TRANSMIGRAÇÃO, REINO ANGÉLICO, HIERARQUIA INTERNA DA TERRA, CENTROS ENERGÉTICOS DO PLANETA, DIMENSÃO, AURA, CORPO GRUPAL, ELEMENTAIS, MÔNADA, CENTROS ENERGÉTICOS DO SER, CONE SUL, ENSINAMENTO ESOTÉRICO, CONFEDERAÇÃO INTERGALÁTICA, CRISTO, CORPO DE LUZ, ESPELHOS DO COSMOS, CULTURA, ETÁPAS EVOLUTIVAS DO HOMEM, LEMÚRIA, MAGNETISMO, LEI DO CARMA, CENTRO INTRATERRENO, EXTRATERRESTRES, OPINIÃO PÚBLICA, UFO, VIDA DIVINA, FRATERNIDADE CÔSMICA, NÍVEIS ARDENTES, FILHOS DAS ESTRELAS, OPERAÇÃO RESGATE, IMPULSOS CÔSMICOS, INICIAÇÃO, RESSURREIÇÃO, IGREJA, FRATERNIDADE DO MAL, TRIÂNGULO DAS BERMUDAS, RONCADOR, RAÇA, MANTRAS, DEVA, MEDICINA, MEDITAÇÃO, PASSAGENS INTERDIMENSIONAIS, PIRÂMIDE, PESQUISAS EXTRATERRESTRES, MEMÓRIA, POLARIDADE FEMININA DO PLANETA, PROFECIA, APOCALIPSE, ATLÂNTIDA, PSICOLOGIA ESOTÉRICA, MAGIA, ASHRAM, SIGNOS CÔSMICOS, AVATAR, ESSÊNIOS, etc.

Editora Pensamento

O NOVO COMEÇO DO MUNDO é dos primeiros livros de TRIGUEIRINHO. Aborda o tema da energia monetária de um ângulo mais vasto e profundo que o comum. Ficou pronto em poucos dias, tal a ajuda interna e externa que o autor encontrou - sinal de que o assunto corresponde à necessidade dos que procuram conhecer uma realidade maior neste momento crítico da civilização atual.

O livro trata também do desafio que hoje se apresenta aos que se encontram na expectativa de que surjam novos padrões de vida nesta importante mudança de ciclo do planeta. Seu conteúdo origina-se de inúmeras fontes históricas e de conhecimentos supra-conscientes transmitidos ao autor.

Editora Pensamento

atendimento@grupopensamento.com.br
www.editorapensamento.com.br

